



O PAPEL DO DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE E DA IDENTIFICAÇÃO COM A FAMÍLIA NA RELAÇÃO ENTRE O FUNCIONAMENTO FAMILIAR E A DIVERSIDADE DE COMPORTAMENTOS AUTOLESIVOS NA ADOLESCÊNCIA

PETRA MIRIAM FIGUEIRAS CORREIA

26498

Orientadora da Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA PEREIRA

Professora de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA PEREIRA

Dissertação submetido como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2022 / 2023

Dissertação de Mestrado realizada
sob a orientação da Professora
Doutora Maria Gouveia Pereira
apresentada no ISPA – Instituto
Universitário para a obtenção de
grau de Mestre na especialidade de
Mestre em Psicologia Clínica

Agradecimentos

À professora Maria Gouveia-Pereira o meu muito obrigada por toda a orientação ao longo deste último ano e em todo o meu percurso no ISPA pois foi uma inspiração desde a primeira aula. Obrigada por todas as ideias, sugestões, correções e incentivo que me fizeram continuar neste difícil percurso e me fizeram apaixonar ainda mais pela psicologia.

A todos os professores que fizeram parte do meu percurso académico o meu agradecimento pela marca que deixaram em mim, porque me ensinaram que para ser bom psicólogo e bom professor há coisas que não se ensinam. Foram, são e continuarão a ser inspiração para mim, e mais do que os ensinamentos sobre ‘fazer’, levo os ensinamentos sobre ‘ser’.

À Eunice Rosa agradeço por me ter mostrado o mundo da psicologia aos 12 anos e ser um exemplo a todos os níveis. Por ser e me ensinar a ser porto de abrigo.

À minha família que não me deixou desistir e me mostra todos os dias que ter uma família cujas fundações são fortes é uma bênção e um privilégio que poucos têm. Desde os membros mais velhos aos mais novos, inspiram-me a querer ser uma filha, neta, sobrinha e prima melhor. Não existem palavras suficientes nesta vida para vocês.

Aos meus amigos do ISPA, especialmente ao Alex, que esteve comigo desde os primeiros momentos, com quem partilhei lágrimas, gargalhadas, donuts, passeios e trabalhos intermináveis. À Cláudia, que ficou desde o primeiro ao último dia e há de ficar sempre, e que se tornou família por mim escolhida. Às minhas afilhadas e padrinhos, se não fossem vocês, nunca teria conseguido. Um agradecimento especial à Beatriz pois, mesmo sem nos conhecermos, fez mais por mim do que imagina, desde as dúvidas esclarecidas, aos conselhos dados e aos áudios.

Aos amigos de Lagos, por me incentivarem a continuar e me lembrarem que tenho sempre um lugar onde voltar e esse lugar são vocês. Ao Lucas que, apesar de tudo, foi o meu grande apoio nestes 5 anos pois viu o que ninguém viu, ouviu o que ninguém ouviu, limpou lágrimas, ouviu apresentações, amparou quedas, ficou triste com as derrotas e feliz com as vitórias. ‘Chego a ti e descalço-me’.

Ao meu Deus que é o meu melhor amigo e confidente. Ainda bem que nunca foi pela minha força e sim pela Tua.

Resumo

O presente estudo procurou investigar o papel da identidade e da identificação com a família na relação entre o funcionamento familiar (FF) e a diversidade de comportamentos autolesivos (DIV). Foram comparados adolescentes com e sem história de comportamentos autolesivos (CAL) em relação ao seu FF (coesão, flexibilidade e comunicação), ao nível de identificação com a sua família e ao desenvolvimento da identidade. Foram analisadas as relações entre as variáveis e se as dimensões da identidade e a identificação são mediadoras da relação entre o FF e a DIV. A amostra contou com 443 adolescentes com idades entre os 12 e os 21 anos ($M= 15.18$, $DP= 1.86$), que responderam a questionários de autorrelato que avaliam as variáveis acima referidas. Os participantes com história de CAL obtiveram valores que indicam um FF desequilibrado, níveis inferiores de identificação com a família, bem como nas dimensões adaptativas do desenvolvimento da identidade. O FF associou-se positivamente ao desenvolvimento da identidade e à identificação com a família, e negativamente à DIV. A identificação com a família também se associou positivamente às dimensões do desenvolvimento identitário e negativamente à DIV. Finalmente, salienta-se a importância da identificação com o compromisso e com a família na relação entre FF e DIV pois, dentro da identidade, a identificação com o compromisso foi mediadora (parcial) da relação entre o FF e a DIV. A identificação com a família também mediou parcialmente a relação entre a coesão / comunicação e a DIV, e totalmente a relação entre a flexibilidade e a DIV.

Palavras-chave: adolescência, comportamentos autolesivos, família, identidade, identificação.

Abstract

The aim of this study was to investigate the role of identity and identification with the family within the relationship between family functioning (FF) and deliberate self-harm diversity (DIV). We compared adolescents with and without a history of deliberate self-harm (DSH) regarding their FF (cohesion, flexibility and communication), level of identification with their family and identity development. We analysed the relationships between variables and if the identity development dimensions and identification with the family were mediators of the relationship between FF and DIV. Our sample consisted of 443 adolescents aged between 12 and 21 years ($M=15.18$, $DP=1.86$), who completed self-report questionnaires that assessed the variables mentioned above. Participants with a history of DSH showed levels that indicated an unbalanced FF, and lower levels of identification with the family and regarding the adaptive dimensions of identity development. FF was positively associated with identity development and identification with the family, and negatively associated with DIV. Identification with the family was positively associated with the adaptive dimensions of identity development and negatively associated with DIV. Finally, we highlight the relevance of identification in the relationship between FF and DIV since, within identity, identification with commitment was a (partial) mediator of this relationship, and identification with the family partially mediated the relationship between cohesion / communication and DIV, and fully mediated the relationship between flexibility and DIV.

Keywords: adolescence, deliberate self-harm, family, identity, identification.

Índice

I. REVISÃO DE LITERATURA	1
1. ADOLESCÊNCIA	1
2. DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE	1
2.1. Teoria da Identidade	1
2.2. O Modelo Integrativo do Desenvolvimento Identitário	2
3. FUNCIONAMENTO FAMILIAR	3
3.1. Funcionamento Familiar e Adolescência	4
4. IDENTIFICAÇÃO COM A FAMÍLIA	5
5. COMPORTAMENTOS AUTOLESIVOS (CAL)	6
6. RELAÇÕES ENTRE VARIÁVEIS	8
6.1. FUNCIONAMENTO FAMILIAR E CAL	8
6.2. O FUNCIONAMENTO FAMILIAR E O DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE	10
6.3. DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE E COMPORTAMENTOS AUTOLESIVOS	11
6.4. FUNCIONAMENTO FAMILIAR, COMPORTAMENTOS AUTOLESIVOS E DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE	12
7. O PRESENTE ESTUDO	12
II. MÉTODO	15
1. PARTICIPANTES	15
2. MEDIDAS	15

2.1.	<i>Desenvolvimento da Identidade</i>	15
2.2.	<i>Funcionamento Familiar</i>	16
2.3.	<i>Identificação à Família</i>	17
2.4.	<i>Comportamentos Autolesivos</i>	18
2.5.	<i>Questionário Sociodemográfico</i>	18
3.	PROCEDIMENTO	18
III.	RESULTADOS	19
IV.	DISCUSSÃO	28
1.	O FUNCIONAMENTO FAMILIAR E A DIVERSIDADE DE CAL	28
2.	O FUNCIONAMENTO FAMILIAR E A IDENTIDADE	29
3.	O FUNCIONAMENTO FAMILIAR E A IDENTIFICAÇÃO	30
4.	A IDENTIDADE E A DIVERSIDADE DE CAL	30
5.	A IDENTIFICAÇÃO E A DIVERSIDADE DE CAL	31
6.	O PAPEL MEDIADOR DA IDENTIFICAÇÃO	32
7.	LIMITAÇÕES, PERSPETIVAS E UTILIDADE DO ESTUDO	33
V.	REFERÊNCIAS	35
VI.	ANEXOS	47
	Anexo A – Consentimento Informado	47

Índice de Tabelas e Figuras

Tabela 1. Diferenças entre adolescentes com e sem história de CAL: Identificação com a Família, Funcionamento Familiar e Identidade	19
Tabela 2. Correlações Entre as Variáveis em Estudo	21
Figura 1. Identidade como mediadora da relação entre a Coesão e a DIV	23
Figura 2. Identidade como mediadora da relação entre a Flexibilidade e a DIV	24
Figura 3. Identidade como mediadora da relação entre a Comunicação e a DIV	25
Figura 4. Identificação com a Família como mediadora da relação entre a Coesão e a DIV	26
Figura 5. Identificação com a Família como mediadora da relação entre a Flexibilidade e a DIV	26
Figura 6. Identificação com a Família como mediadora da relação entre a Comunicação e a DIV	27

I. REVISÃO DE LITERATURA

1. ADOLESCÊNCIA

O conceito de adolescência tem evoluído ao longo do tempo, sendo definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como a fase entre a infância e a idade adulta, desde os 10 aos 19 anos na qual o indivíduo experiencia um rápido crescimento físico, cognitivo e psicossocial (World Health Organization, 2023). É um período que exige muitas mudanças às quais estão subjacentes várias tarefas como o desenvolvimento da identidade (Erikson, 1968; Gouveia-Pereira et al., 2014; Hopkins, 2014). Estas mudanças não são apenas de ordem individual mas também de ordem interacional estando dependentes, nomeadamente, do contexto familiar (Gandhi et al., 2016).

2. DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE

Ao longo das últimas décadas foram utilizadas, por diversos autores, várias definições de identidade. Uns afirmam que é o conjunto de vários tipos de características resultantes da interação entre o desenvolvimento pessoal e os contextos sociais (Vignoles et al., 2011), outros afirmam que é um modelo cognitivo que processa e examina informação identitária relevante (Berzonsky et al., 2013), existindo ainda autores que dão importância aos domínios educacional, vocacional e relacional para o seu desenvolvimento (Branje et al., 2021).

Para efeitos do presente estudo, teremos em conta a definição de identidade de Erikson (1968) que a descreve, essencialmente, como um processo de crescimento do ego no qual as identificações da infância vão sendo substituídas por uma nova configuração, e como um princípio organizador e fundamental que se manifesta num sentido de continuidade do self em interação com o outro e funciona como um molde de diferenciação permitindo a autonomia do indivíduo.

2.1. Teoria da Identidade

De acordo com a Teoria do Desenvolvimento de Erikson (1968), há uma progressão de 8 estágios no desenvolvimento humano, cada um deles marcado por uma crise psicossocial em que deve existir uma reestruturação/reformulação da personalidade e adaptação do ego para que o desenvolvimento seja otimizado.

Ao período da adolescência corresponde a Crise Identitária a partir da qual se pretende a construção de um sentido de identidade coerente e a descoberta de um

ambiente social ao qual pertencer (Erikson, 1968; Chen et al., 2007). O desenvolvimento da identidade dá-se na tensão entre a síntese (medida em que vários aspetos da vida do indivíduo se interligam) e a confusão (incapacidade de formar e manter compromissos longos e para uma falta de propósito e direção na vida), no qual se pretende um equilíbrio que favoreça a síntese (Schwartz et al., 2009). Este processo é favorecido pela flexibilidade para a mudança, levando ao desenvolvimento de uma identidade clara e positiva que facilitará o desenvolvimento futuro e o uso produtivo dos recursos pessoais; por outro lado, a incapacidade de lidar com as mudanças leva a uma maior vulnerabilidade a problemas emocionais e comportamentais podendo desenvolver-se uma identidade coerente ou uma identidade confusa (Tsang et al., 2012).

Das visões de Erikson surge a importante elaboração de Marcia (1966) sobre a formação da identidade através do Modelo dos Estatutos Identitários que identifica dois processos chave neste desenvolvimento: o Compromisso (adesão a um conjunto de crenças e valores, que se manifesta na tomada de decisões firmes) e a Exploração (questionamento ativo das várias alternativas identitárias), a partir dos quais são definidos 4 estatutos de identidade. Este modelo foi alvo de críticas e com o estudo aprofundado dos processos compromisso e exploração, foram desenvolvidos outros modelos (Côté & Levine, 1988; Grotevant, 1987; Mastrotheodoros, & Motti-Stefanidi, 2017) como o Modelo Integrativo do Desenvolvimento Identitário (Luyckx et al., 2008).

2.2. O Modelo Integrativo do Desenvolvimento Identitário

O modelo no qual se baseia o presente estudo – Modelo Integrativo do Desenvolvimento Identitário (Luyckx et al., 2008) – tem como foco processos formativos e avaliativos da identidade. Baseado nas dimensões apontadas no modelo de Marcia (1966), neste modelo existem 5 processos de identidade: Exploração em Amplitude, Exploração em Profundidade, Exploração Ruminativa, Compromisso e Identificação com o Compromisso; agrupando-se quatro deles em dois ciclos consecutivos de formação de identidade. O primeiro ciclo, Formação do Compromisso, centra-se em processos exploratórios das alternativas da identidade (Exploração em Amplitude) e na adesão aos Compromissos de identidade (Compromisso). Já o segundo ciclo, Avaliação do Compromisso, foca-se nos processos de reavaliação dos compromissos já estabelecidos (Exploração em Profundidade) avaliando também o grau de segurança relativamente a esses compromissos (Identificação com o Compromisso).

A Exploração Ruminativa é considerada um processo desadaptativo e bloqueador do desenvolvimento levando a dificuldades em encontrar respostas satisfatórias às questões identitárias devido a constantes questionamentos e sentimentos de incerteza e incompetência (Luyckx et al., 2008; Luyckx et al., 2011).

3. FUNCIONAMENTO FAMILIAR

O funcionamento familiar (FF) é a forma como o sistema encontra o equilíbrio entre a estabilidade e a mudança, manifestando-se nas relações estabelecidas (ou não) entre os membros da família (Gouveia-Pereira et al., 2014). Ao longo dos anos, foram desenvolvidos os mais diversos e complexos modelos, dentro de uma perspectiva sistêmica, para a compreensão do mesmo. Um deles é o Modelo Circumplexo dos Sistemas Maritais e Familiares de Olson (2000; 2011) que considera as dimensões coesão e flexibilidade como chave para o funcionamento dos sistemas familiares. A coesão refere-se às ligações emocionais entre os membros da família remetendo para a capacidade de separação e para o sentimento de pertença de cada elemento relativamente ao sistema. Por sua vez, a flexibilidade diz respeito à capacidade de reorganização do sistema familiar para lidar com o stress, seja ele causado por questões desenvolvimentais ou excepcionais (Barnes & Olson, 1985).

Segundo este modelo, existem 4 níveis desequilibrados e 21 níveis equilibrados de FF; níveis muito baixos de coesão (Família Desligada) estão associados a um baixo compromisso e vínculos pobres entre os membros enquanto níveis muito altos de coesão (Família Aglutinada) indicam que existe pouca individuação (Olson et al., 2019); quanto à flexibilidade, níveis baixos (Família Rígida) remetem para uma definição excessivamente rígida dos papéis e pouca flexibilidade quanto ao reforço e/ou mudança das regras familiares, enquanto com níveis altos (Família Caótica) há pouca definição papéis e pouca reflexão na tomada de decisões sendo demasiado flexíveis (Olson, 2000; Olson et al., 2019). Relações familiares equilibradas estão ligadas a um funcionamento equilibrado e, conseqüentemente, mais saudável (Olson 2000, 2011; Olson et al., 2019) na medida em uma coesão equilibrada permite em simultâneo a individualização e a pertença levando ao crescimento psicossocial dos membros, e uma flexibilidade equilibrada, por sua vez, permite a reorganização face aos desafios inerentes à vida familiar enquanto há uma tendência para a manutenção da estabilidade (Gouveia-Pereira et al., 2014). Quando há um FF equilibrado significa que o sistema familiar pode experienciar os “extremos” de determinada dimensão em curtos períodos

de stress ou trauma mas, conseguindo adaptar-se às mudanças ao longo do ciclo de vida familiar (Olson et al., 2019).

Além das duas dimensões mencionadas, dentro do Modelo Circumplexo a comunicação é considerada uma dimensão facilitadora no sentido de ser auxiliar na alteração dos níveis de coesão e flexibilidade face às exigências desenvolvimentais ou situacionais que envolve a capacidade de ouvir (empatia e escuta ativa), de falar, de auto-revelação (partilha de sentimentos sobre o próprio e a relação), clareza, continuidade (manutenção do tópico de conversa), respeito e consideração (aspectos afetivos da comunicação) (Olson et al., 2019). A literatura demonstra que sistemas equilibrados aos níveis da coesão e flexibilidade, tendem a ter uma melhor comunicação do que sistemas desequilibrados (Olson et al., 2019; Gouveia-Pereira et al., 2020)

3.1. Funcionamento Familiar e Adolescência

A família com filho(s) adolescente(s) constitui uma das etapas mais importantes (Relvas, 1996) do ciclo de vida familiar (sequência de etapas de desenvolvimento nas quais existem várias tarefas a serem desempenhadas pela família) (Carter & McGoldrick, 1988) exigindo grandes mudanças tanto na dinâmica e estrutura familiares como ao nível individual, já que ao mesmo tempo que o adolescente experiencia as mudanças físicas, emocionais e comportamentais advindas da idade, há uma mudança na relação pais-filhos. É, assim, considerado um período de crise e transformação para o adolescente e para a família no qual a estabilidade frágil da família é ameaçada. Ameaça essa que, na perspetiva de Minuchin (1974), é combatida consoante o tipo de FF que, se não for equilibrado, pode levar à emergência de sintomas que expressam a disfunção familiar e mal-estar psicológico, e têm como função o equilíbrio do sistema (Gouveia-Pereira et al., 2014). O estudo de Prioste et al. (2019) mostra a associação entre as etapas desenvolvimentais e as tipologias do FF, existindo na adolescência (dos 15 aos 19 anos) uma maior prevalência de funcionamentos Conflituosos, Equilibrados e Desligados, tornando mais frequentes os conflitos familiares nesta etapa do ciclo de vida familiar.

Na adolescência, deve existir um equilíbrio entre o envolvimento emocional e a flexibilização dos limites e/ou regras através da mobilização de novos padrões interativos, adaptativos e funcionais (Gouveia-Pereira et al., 2014), que permitem a separação psicológica dos pais (Erikson, 1968; Fleming, 1993). Isto não deve implicar

uma ruptura de laços com os pais pois, além da mesma ser um fator de risco para comportamentos suicidários (Pereira, 2011), de acordo com Hsu et al. (2013) também tem um papel importante na emergência de Comportamentos Autolesivos (CAL). Por outro lado, quanto menores forem os níveis de separação psicológica, mais difícil será o processo de autonomia inerente a esta fase, potenciando maiores níveis de ideação suicida (Gouveia-Pereira et al., 2014). Um ambiente familiar hostil compromete este processo tendo obviamente impacto no desenvolvimento normal do adolescente (Fleming, 2005).

4. IDENTIFICAÇÃO COM A FAMÍLIA

Como referido a adolescência está associada ao desenvolvimento da identidade (Erikson, 1968) e também a um progressivo investimento no grupo de pares continuando a ser importante a relação com a família, ainda que esta sofra algumas mudanças.

A identificação grupal é um conceito estudado na área da psicologia social contribuindo para a sua definição a teoria da identidade social de Tajfel e a teoria da categorização social de Turner. Se a identidade social (desenvolvida a partir das identificações grupais) consiste no reconhecimento de pertença a determinado grupo, por parte do indivíduo, e atribuição de valor e significância emocional da sua associação ao mesmo (Tajfel, 1972 cit por Postmes et al., 2013) a identificação refere-se à relação do indivíduo com a entidade grupal (Postmes et al., 2013). Mais concretamente, a identificação à família (uma das variáveis do presente estudo) corresponde à medida em que o indivíduo sente que pertence à sua família (Sani et al., 2012).

Existe pouca literatura sobre a identificação com a família, contudo sabe-se que a identificação grupal assume um importante papel no desenvolvimento da identidade social já que o ‘ser membro’ de um grupo serve para a definição do eu (Greenaway et al., 2015; Haslam et al., 2009; Haslam et al., 2019). Sendo esse grupo a família, há uma maior significância nessa identificação. Alguns estudos que demonstram que, quanto maior o nível de identificação com o grupo de pares e com a família no período da adolescência mais facilidade tem o indivíduo em superar os desafios desenvolvimentais inerentes a esta fase através de uma melhor perceção de si mesmo e dos outros, a um melhor estado de humor, maior facilidade em comunicar os problemas e em pedir e aceitar ajuda (Palmonari et al., 1989; 1991; Pombeni et al., 1990). Através de recursos

como sentimento de pertença, controlo pessoal, apoio social, sentido de significado e propósito fornecidos pelos grupos, a identificação promove o bem-estar do indivíduo e uma saúde (física e mental) melhor (Greenaway et al., 2015; Haslam et al., 2009; Haslam et al., 2019; McNamara et al., 2021; Miller et al., 2017; Sani et al., 2012).

5. COMPORTAMENTOS AUTOLESIVOS (CAL)

Existem atualmente várias terminologias para designar os CAL. Para efeitos do presente estudo considerámos o conceito de CAL Deliberados que designa comportamentos de dano/destruição intencionais dirigidos ao próprio (rejeitados socialmente), independentes da motivação ou da intenção suicida (Duarte et al., 2020; Fortune et al., 2016; Hawton et al., 2003; Sutton, 2007; Suyemoto, 1998) que constituem uma ameaça tanto para a saúde física como para a saúde psicológica do indivíduo (Sim et al., 2009) incluindo variados métodos como cortes, queimaduras, socos, overdose, etc. associando-se a vários riscos físicos e psicológicos (p. ex. problemas do sono), bem como a sintomas psiquiátricos (p. ex. ansiedade e depressão) elevando o risco de suicídio (Breen et al., 2013; Klemmer et al., 2017). Os CAL podem ser concetualizados em termos da sua frequência, diversidade e gravidade (Duarte et al., 2019).

A diversidade dos CAL (DIV) consiste na multiplicidade de métodos utilizados nos CAL (Duarte et al., 2019; Gouveia-Pereira et al., 2022). Investigações empíricas mostram que uma maior diversidade e frequência destes comportamentos leva à diminuição das barreiras em relação à morte e ao suicídio (Hamza et al., 2012; Victor e Klonsky, 2014), estando também a maior diversidade associada ao emergir de Comportamentos Suicidários (compreendem ideação suicida, tentativas de suicídio e suicídio), a maiores níveis de Ideação Suicida e a mais Tentativas de Suicídio (Gouveia-Pereira et al., 2022; Wilkinson et al., 2011) bem como a mais sintomatologia psicológica (Ammerman et al., 2020). Por sua vez, a severidade diz respeito ao grau de dano físico resultado do método de CAL, categorizada por Duarte et al. (2019), no estudo de validação do ICAL (Inventário de Comportamentos Autolesivos), em CAL de severidade alta (e. g. cortar-se), CAL de severidade baixa a moderada (e. g. morder-se) e Abuso de Substâncias. Além disso, diferentes autores sugerem que os CAL se concetualizam ao longo de um *continuum*, estando os CAL sem intenção suicida num extremo e os CAL graves (tentativa de suicídio) e o suicídio consumado no outro (Brausch & Gutierrez, 2010; Gouveia-Pereira et al., 2022; Hamza et al., 2012). A Teoria

Gateway preconiza que os CAL precedem o desenvolvimento dos Comportamentos Suicidários sendo uma “porta de entrada” para o suicídio, na medida em que há a tendência para uma escalada de severidade no que concerne aos CAL podendo atingir métodos mais extremos chegando à tentativa ou ao suicídio consumado (Hamza et al., 2012).

A meta-análise conduzida por Swannell et al. (2014) indicou que há maior prevalência dos CAL durante a adolescência em comparação com a idade adulta, sendo comum que o início destes comportamentos se dê por volta dos 14 e os 16 anos de idade (Plener et al., 2015; Gandhi et al., 2018). Em termos globais, de acordo com a revisão sistemática e meta-análise de Lucena e colaboradores (2022), a prevalência dos CAL nos adolescentes é de 14,71%. Em Portugal, sabe-se que a prevalência dos mesmos nesta faixa etária tem uma variação de 7-40% (amostras comunitárias) / 30-84% (amostras clínicas) (Duarte et al., 2020; Gouveia-Pereira et al., 2022), o que mostra a urgência com que deve ser abordada esta temática e procuradas estratégias eficazes de intervenção.

Sobre o desenvolvimento dos CAL, Linehan (1993) propõe um modelo transacional que postula que a causa da desregulação emocional é a interação entre um ambiente invalidante e uma vulnerabilidade baseada em aspetos biológicos, não permitindo a aprendizagem de mecanismos adaptativos de regulação das emoções e fazendo com que os indivíduos se apoiem em estratégias fugazes e impulsivas para restaurar um nível emocional tolerável. Assim, estes comportamentos surgem, muitas vezes, com a função de regular e/ou reduzir os estados emocionais, mas também como forma de evitamento dos impulsos suicidários, procura do entorpecimento, autopunição, procura de estímulos, redução da dissociação ou das experiências de despersonalização, e até de estabelecimento da autonomia e distinção do self (Favazza & Rosenthal, 1993; Klonsky, 2007; Klonsky & Glenn, 2009). Por outras palavras, surgem como uma estratégia maladaptativa de regulação emocional (Sim et al., 2009). Já de um ponto de vista sistémico, Sampaio (2002) afirma a função apelativa e relacional dos comportamentos suicidários que são natureza ambivalente e relacional constituindo tentativas de comunicação sobre o que não está bem a nível individual, familiar e social, e, simultaneamente, apelos à mudança, nomeadamente na comunicação do sistema familiar (meta-comunicação).

São, além disso, diversos os fatores intrapessoais que estão associados a estes comportamentos como a depressão, a autoestima, experiências relacionadas com trauma na infância, a história de comportamentos suicidários e/ou de CAL, o género e a impulsividade (Felitti et al., 1998; Fox et al., 2015; Poudel et al., 2022; Siu, 2019). Também se destacam alguns fatores interpessoais presentes nos contextos no qual o jovem está inserido, nomeadamente na família e na escola, dos quais se extraem fatores de risco ligados à falta de aceitação nos mesmos (e. g. falta de integração social, ausência de sentimento de pertença, desvalorização emocional, ausência de relações recíprocas) (Durkheim, 2000; Joiner, 2005; Tanóri et al., 2021; Van Orden et al., 2010; Yen et al., 2015). É, então, possível concluir, tal como Gouveia-Pereira e colaboradores (2014) que a assunção de que os CAL são desencadeados por variáveis meramente individuais dá origem a uma visão limitada do fenómeno e da própria intervenção terapêutica. Presume-se então que a origem dos CAL na adolescência seja multifatorial.

6. RELAÇÕES ENTRE VARIÁVEIS

De seguida serão caracterizadas e exploradas as relações entre o Desenvolvimento da Identidade, o FF e os CAL à luz da literatura existente. Quanto à variável Identificação com a Família, tanto quanto se sabe não existe evidência empírica além daquela que já foi revista.

6.1. FUNCIONAMENTO FAMILIAR E CAL

Atualmente, há uma vasta literatura sobre a importância que o ambiente familiar tem no desenvolvimento emocional dos indivíduos. Um ambiente no qual predominam a aceitação e a valorização emocional facilitará a compreensão e a comunicação das emoções do indivíduo (Eisenberg et al., 1998) enquanto, um ambiente caracterizado pela rejeição, punição, desvalorização e negligência da expressão emocional, terá um impacto adverso no desenvolvimento e funcionamento emocional adaptativo (Gottman et al., 1997; Shipman & Zeman, 2001; Sim et al., 2009; Yen et al., 2015). Linehan (1993), por sua vez, postulou que a desvalorização das emoções no ambiente familiar, em específico na infância e na adolescência, pode levar a dificuldades de regulação emocional que podem vir a manifestar-se em comportamentos suicidários ou autolesivos.

Pensando no FF como foi descrito por Minuchin (1974), um FF desequilibrado poderá levar à emergência de determinada sintomatologia em função do equilíbrio do

sistema familiar, face aos desafios desenvolvimentais e excepcionais, existindo já vários estudos que corroboram isto como o de Gouveia-Pereira et al. (2014) em que os adolescentes com maiores níveis de ideação suicida eram de famílias consideradas desequilibradas (níveis extremos de coesão e/ou flexibilidade), ou o de Kostić et al. (2019) no qual foram averiguadas diferenças significativas no FF entre famílias com adolescentes com e sem CAL, (níveis mais baixos de coesão e flexibilidade no grupo de adolescentes com CAL). Por sua vez, Palmer et al. (2016) observaram que adolescentes com CAL (internamento) reportaram percepções de um funcionamento pobre em comparação com uma amostra comunitária de adolescentes saudáveis. Mais se afirma que, segundo Cassels et al. (2018), o pobre FF é mediador da relação entre as experiências adversas na infância (antes dos 5 anos de idade) e a subsequente iniciação dos CAL (entre os 14 e os 17 anos de idade). Assim, um FF desequilibrado levará a uma maior prevalência e diversidade deste tipo de comportamentos.

Existe uma panóplia de variáveis familiares associadas a problemas comportamentais e emocionais na adolescência (Roelofs et al., 2013; Yates et al., 2008). No caso dos CAL, existem vários fatores familiares de risco e experiências da infância (num fundo familiar disfuncional) (Gratz, 2003) que podem ser desencadeantes e estar associados aos mesmos nos jovens: psicopatologia dos pais (Wang et al., 2016), baixos níveis de comunicação, conflitos e rupturas afetivas com os pais, violência familiar, negligência, morte ou ausência parental, alienação parental, isolamento familiar, história de abuso, desvalorização no seio familiar, entre outros (Pereira, 2011; Fortune et al., 2016; Klemra et al., 2017; Gandhi et al., 2019; Siu, 2019). Sabe-se ainda que os próprios CAL afetam as relações interpessoais uma vez que podem desencadear reações negativas no outro (Clarke & Whitaker, 1998; Oldershaw et al., 2008; Raphael et al., 2006) nomeadamente no contexto familiar, potenciando o isolamento, o sofrimento e, possivelmente, mais tentativas de suicídio (Palmer et al., 2016).

Adolescentes pertencentes a famílias equilibradas reconhecem a forte ligação entre os membros e uma dinâmica familiar flexível baseada na renegociação (Gouveia-Pereira et al., 2014), o que leva a um bem-estar psicológico dos membros surgindo a coesão e a flexibilidade como fatores protetores. Também uma comunicação de boa qualidade é um fator protetor contra os CAL (Klemra et al., 2017; Wester & King, 2018), enquanto uma pobre comunicação (associada ao isolamento) contribui para a emergência destes comportamentos (Latina et al., 2015; Tulloch et al., 1997).

6.2. O FUNCIONAMENTO FAMILIAR E O DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE

Além da associação entre o FF e os CAL, existem vários estudos sobre a forma como o FF se associa ao desenvolvimento da identidade (Beyers e Goossens, 2008; Crocetti et al., 2017; Prioste et al., 2019), dada a natureza relacional deste processo (Bosma e Kunnen, 2001; Luyckx et al., 2006).

Os resultados do estudo de Prioste et al. (2019) mostram associações estatisticamente significativas entre as tipologias do FF e os processos de desenvolvimento da Identidade na medida em que níveis elevados e médios de coesão favorecem o Ciclo de avaliação do compromisso (elevados níveis de exploração em profundidade) e níveis baixos de coesão têm o efeito inverso (níveis reduzidos de exploração em amplitude) mostrando a importância da proximidade relacional para a reavaliação e exploração dos compromissos de identidade na adolescência. Por outro lado, níveis mais elevados de coesão também se revelaram associados a valores mais altos de Exploração Ruminativa (processo inadaptativo segundo Luyckx et al., 2013). Níveis médios ou baixos de coesão associaram-se ainda a níveis baixos de compromisso e identificação com o compromisso não facilitando a adesão e integração de valores, objetivos e crenças (Luyckx et al., 2008; Prioste et al., 2019). Isto vai de encontro ao que outros autores concluíram de que uma maior coesão (proximidade familiar e identificação), conflito reduzido, em simultâneo com o estímulo da individualidade e da autonomia são fundamentais para o desenvolvimento da identidade mais adaptativo (Alarcão, 2006; Branje et al., 2021; Matheis & Adams, 2004).

A identidade dos próprios pais pode afetar o desenvolvimento da identidade dos filhos (Schachter, 2018) na medida em que uma identidade mais coesa por parte dos pais será um exemplo de exploração e de apoio quando se fazem compromissos (Branje et al., 2021). Assim, relações de apoio e proximidade com os familiares (Branje et al., 2021) otimizam este desenvolvimento sendo a adolescência, como já foi referido, um período de realocação das responsabilidades e poder nas tomadas de decisão na família (Branje et al., 2012; De Goede et al., 2009). Quando não há cedência de controlo por parte dos pais, o desenvolvimento da identidade é colocado em causa podendo fomentar o conflito interno do indivíduo (Branje et al., 2021). Então, é importante que o apoio dos pais durante este o período de autodescoberta se manifeste no encorajamento dos compromissos e apoio da exploração através de interações de boa qualidade (Sznitman

et al., 2019), estando comprovado que adolescentes cujos pais apoiam a sua autonomia e evitam utilizar controlo psicológicos, são mais capazes de explorar alternativas e integrar compromissos identitários (Beyers & Goossens, 2008). Estas relações de apoio e responsividade por parte dos familiares formam uma base segura a partir da qual os adolescentes podem explorar as alternativas de identidade (Branje et al., 2021).

6.3. DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE E COMPORTAMENTOS AUTOLESIVOS

A relação entre o Desenvolvimento da identidade e os CAL tem vindo a ser cada vez mais estudada na última década existindo evidência da mesma. Nomeadamente, os estudos de Claes et al. (2014) e o de Gandhi et al. (2016) mostram a relação negativa entre os CAL e a síntese de identidade e a relação positiva dos mesmos com a confusão de identidade, ou seja, processos menos adaptativos ao nível do desenvolvimento da identidade aumentam a probabilidade de CAL. Tal também foi demonstrado no estudo de Luyckx et al. (2015), o primeiro a demonstrar o poder preditivo do desenvolvimento da Identidade em relação aos CAL, tendo sido os seus resultados corroborados pelo trabalho de Gandhi et al. (2020) numa comparação entre amostra clínica e não clínica.

As funções dos CAL tornam-se especialmente salientes no contexto dos processos desenvolvimentais que se relacionam a identidade (Breen et al., 2013) já que podem surgir como forma de lidar com a confusão de identidade (Claes et al., 2014). Através do estudo das narrativas online dos CAL, Breen et al. (2013) concluíram que os CAL são uma fonte de identificação (com o grupo de pessoas que têm os mesmos comportamentos) ao serviço do desenvolvimento da identidade na medida em que os participantes acabam por se servir da identidade de “auto-lesionador”.

Posto isto e, segundo o estudo de Gandhi et al. (2017), a associação entre a os CAL e a Identidade é de natureza bidirecional: as dificuldades no desenvolvimento da identidade levam a um aumento da vulnerabilidade e manutenção dos CAL, enquanto os CAL aliviam as perturbações advindas do desenvolvimento da identidade, mais concretamente, através da criação de uma pseudo-identidade (como referido no estudo de Breen et al., 2013). A literatura sobre a bidirecionalidade desta relação é escassa não existindo estudos que tenham em conta o Modelo Integrativo do Desenvolvimento Identitário.

6.4. FUNCIONAMENTO FAMILIAR, COMPORTAMENTOS AUTOLESIVOS E DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE

Finalmente, o presente estudo incidirá sobre a relação entre as quatro variáveis descritas, mais concretamente no papel que o desenvolvimento da identidade / a identificação com a família desempenha na relação entre o FF e os CAL.

O estudo conduzido por Gandhi et al. (2016) focou-se no papel mediador da Identidade na relação entre a vinculação materna/aos pares e os CAL chegando à conclusão de que a relação entre algumas variáveis maternas e os CAL é totalmente mediada pela Confusão e Síntese de Identidade. Mais tarde, Gandhi et al. (2019), considerando as mesmas associações através de um estudo longitudinal, concluíram que uma relação de vinculação insegura com a mãe e com os pares pode levar a perturbações no desenvolvimento da identidade o que, por sua vez, pode levar ao aumento de CAL e que, pelo contrário, uma relação de vinculação segura terá o efeito inverso, fomentando o desenvolvimento da identidade de forma saudável e reduzindo os CAL. Assim, afirma-se a existência de associações unidirecionais da vinculação para a identidade para os CAL mediada pela Identidade (Gandhi et al., 2019).

Já no estudo de Raemen et al. (2021), comprovou-se a mediação parcial do desenvolvimento da identidade na associação entre as experiências traumáticas na infância e os CAL na medida em que as experiências reportadas estavam relacionadas com abuso sexual e/ou físico ou testemunho de violência, indicando dificuldades no desenvolvimento da identidade que se associaram positivamente aos CAL.

7. O PRESENTE ESTUDO

Quanto sabemos não existe evidência empírica que relacione em conjunto as variáveis em estudo. Sobre a identificação com a família existe pouca literatura e nenhuma que foque o papel da mesma na relação entre o FF e os CAL. Sobre a relação entre a identidade, o FF e o desenvolvimento da identidade também a evidência empírica também é escassa. Como se acabou de ver, os estudos que se aproximam dos objetivos do presente estudo focam variáveis como a vinculação, as experiências traumáticas na infância, a identidade, e os CAL. Assim, para além de analisarmos a relação entre as diversas variáveis pretendemos também analisar o papel mediador da identidade e da identificação na relação entre o funcionamento familiar (coesão, flexibilidade e comunicação) e Diversidade de CAL.

Este trabalho pretende dar um contributo científico no sentido de ajudar a colmatar esta lacuna e adicionar ao corpo de literatura existente pela sua óbvia importância tanto para o conhecimento científico como para a prática clínica.

Posto isto, construímos algumas hipóteses. De acordo com a evidência empírica, sobre a identificação apenas se sabe que esta promove o bem-estar psicológico do indivíduo (Greenaway et al., 2015; Haslam et al., 2009; Haslam et al., 2019; McNamara et al., 2021; Miller et al., 2017; Sani et al., 2012) não existindo evidência que a associe com os CAL. Sobre o FF, o estudo de Kostić et al. (2019) demonstrou diferenças significativas ao nível do FF entre adolescentes com e sem CAL, tendo os adolescentes com CAL apresentado um FF desequilibrado. Sobre a identidade, existem vários estudos que comprovam a associação entre a mesma e os CAL (Breen et al., 2013; Claes et al. 2014; Gandhi et al. 2016; Gandhi et al., 2020). Assim, colocamos a nossa **1ª hipótese**: Existem diferenças entre os adolescentes com e sem história de CAL relativamente à Identificação com a Família, ao FF (coesão e flexibilidade, e comunicação familiar), e ao desenvolvimento da identidade. Prevê-se que os adolescentes com história de CAL apresentem menores níveis de identificação e comunicação com a família, menores rácios de FF, coesão e flexibilidade (indicadores de desequilíbrio), e mais dificuldades ao nível do desenvolvimento da identidade (Ciclos de Formação e Avaliação do Compromisso desfavorecidos e Exploração Ruminativa favorecida).

Existe vasta literatura que demonstra a relação entre a família e múltiplas variáveis. Relativamente à sua relação com os CAL, no estudo de Kostić et al. (2019), foram encontradas diferenças entre adolescentes com e sem CAL ao nível do FF que indicam níveis mais desequilibrados de coesão e flexibilidade no primeiro grupo, demonstrando uma possível associação negativa entre as duas variáveis. Também no estudo de Gouveia-Pereira et al (2014) foi provada uma associação negativa entre a ideação suicida (que pode estar presente ou não nos CAL) e o FF (coesão e flexibilidade). É importante referir, ainda, que existem estudos que demonstram a associação negativa que existe entre a comunicação familiar e os CAL (Latina et al., 2015; Tulloch et al., 1997). O FF também se encontra relacionado com o desenvolvimento da identidade, o que está patente nos resultados de Prioste et al. (2019) nos quais níveis desequilibrados de coesão desfavoreceram, especialmente, o ciclo de avaliação do compromisso e favoreceram a exploração ruminativa. Quanto à relação

entre FF e identificação com a família, existe pouca ou nenhuma literatura, sabendo-se, no entanto, que a coesão familiar engloba o sentimento de pertença à família (Barnes & Olson, 1985) que, por sua vez, está intrinsecamente ligado à identificação familiar (Assavedo & Anestis, 2015) então é esperada uma associação positiva entre estas duas variáveis. Deste modo, a nossa **2ª hipótese** é de que o FF se relaciona com a DIV, com o desenvolvimento da identidade e com a identificação com a família, na medida em que adolescentes que pertencem a famílias com um pior FF (flexibilidade, coesão e comunicação desequilibradas) apresentem mais DIV, tenham mais dificuldades ao nível do desenvolvimento da identidade (Ciclos de Formação e Avaliação da Identidade desfavorecidos e altos níveis de Exploração Ruminativa), e/ou menores níveis de identificação à Família.

Os estudos de Claes et al. (2014) e Gandhi et al. (2016) que apontaram a relação positiva entre os CAL e aspetos negativos do desenvolvimento identitário (Confusão de Identidade), não existindo estudos sobre estas variáveis que utilizem o Modelo Integrativo do Desenvolvimento Identitário para concetualizar o desenvolvimento da identidade. Deste modo, contruímos a nossa **3ª hipótese** de que adolescentes com dificuldades no desenvolvimento identitário (Ciclos de Formação e Avaliação do Compromisso desfavorecidos, e Exploração Ruminativa favorecida) apresentam maior DIV.

É sabido que maiores níveis de identificação com a famílias se associam a maiores níveis de bem-estar psicológico ou vice-versa (Greenaway et al., 2015; Haslam et al., 2009; Haslam et al., 2019; Miller et al., 2017; Sani et al., 2012), sendo os CAL um indicador de mau estar psicológico (Favazza & Rosenthal, 1993; Klonsky, 2007; Klonsky & Glenn, 2009), são esperados menores níveis de identificação à família. A nossa **4ª hipótese** é que adolescentes com baixos níveis de Identificação à Família têm maior DIV.

Por fim, na 5ª e 6ª hipóteses propomos dois modelos de mediação. O primeiro modelo pode ser suportado pelos resultados obtidos por Gandhi et al. (2016; 2019) que, apesar de não se focar exatamente nas mesmas variáveis que o presente estudo, foca-se em variáveis semelhantes chegando à conclusão que a identidade é mediadora da relação entre a vinculação materna e os CAL. Assim, o primeiro modelo (**5ª hipótese**) postula que há uma relação entre o FF (coesão, flexibilidade e comunicação) e a DIV que é mediada pelas dimensões da identidade.

Apesar de não existir estudo algum que tenha feito este tipo de análise com a variável identificação com a família, partindo das conclusões de Gandhi et al. (2016; 2019) poderá postular-se que, sendo a identificação parte integrante e fundamental do desenvolvimento da identidade (Greenaway et al., 2015; Haslam et al., 2009; Haslam et al., 2019) especialmente quando falamos de identificação com a família, esta poderá explicar uma parte importante da relação entre o FF e a DIV. Assim, o segundo modelo (**6ª hipótese**) considera a existência da relação entre o FF (coesão, flexibilidade e comunicação) e a DIV, e que esta é mediada pela identificação com a família.

II. MÉTODO

1. PARTICIPANTES

A amostra total foi constituída por 443 participantes (54% do sexo masculino), alunos de escolas portuguesas do 7º ao 12º ano, através do método de amostragem por conveniência, tendo em conta os critérios de inclusão (ter entre 12 e 21 anos e idade), de nacionalidade maioritariamente portuguesa (87.4%, n= 387), com idades entre os 12 e os 21 anos (M= 15. 18, DP= 1. 86). Cerca de metade dos participantes (50,53%, n = 223) tem história de CAL, com média de 1.75 (DP= 2. 41) de DIV. Deste grupo de participantes, 45.8% (n= 203) reportaram a presença prévia de CAL de severidade leve / moderada e 27.8% (n= 123) de severidade alta.

2. MEDIDAS

2.1.Desenvolvimento da Identidade

Escala Das Dimensões do Desenvolvimento Identitário (*Dimensions of Identity Development Scale – DIDS*; versão original: Luyckx et al., 2008). Esta escala foi desenvolvida originalmente por Luyckx et al. (2008) e adaptada para a população portuguesa por Prioste et al. (2018) sendo um instrumento de autorrelato composto por 25 itens avaliativos do desenvolvimento da identidade numa escala de Likert de 5 pontos (de 1 – Discordo Fortemente a 5 – Concordo Fortemente). Esta escala tem por base o Modelo Integrativo do Desenvolvimento Identitário, avalia 5 dimensões: Exploração em Profundidade, que contém 5 itens (e. g. “Penso nos planos que já fiz para o futuro”) avaliativos da exploração de alternativas após um compromisso; Exploração em Amplitude, integra 5 itens (e. g. “Penso nas diferentes coisas que poderei vir a fazer no futuro”) associados à exploração de alternativas anteriormente a ser formado um compromisso; Compromisso, 5 itens (e. g. “Decidi o caminho que vou

seguir na minha vida”) que avaliam a adesão ao compromisso; Identificação com o Compromisso, constituída por 5 itens (e. g. “Os meus planos para o futuro coincidem com os meus verdadeiros interesses e valores”) que avaliam a segurança da identificação com o compromisso; e Exploração Ruminativa, com 5 itens (e. g. “Tenho dúvidas sobre o que quero realmente alcançar na vida”) que focam a exploração progressiva de alternativas e a não adesão a compromissos.

O presente estudo revelou uma boa fiabilidade em praticamente todas as dimensões ($\alpha = .91$ para a dimensão do Compromisso ($M=18.06$, $DP=4.52$); $\alpha = .85$ para a dimensão Exploração em Amplitude ($M=19.66$, $DP=3.60$); $\alpha = .76$ para a dimensão Exploração Ruminativa ($M=16.91$, $DP=4.26$); $\alpha = .87$ para a dimensão Identificação com o Compromisso ($M=18.13$, $DP=4.01$)) à exceção da dimensão Exploração em Profundidade ($\alpha = .40$) que acabou por não ser considerada na análise de resultados devido à sua fraca fiabilidade. De um modo geral, a escala apresenta uma boa fiabilidade ($\alpha = .83$).

2.2. Funcionamento Familiar

No presente estudo foram utilizadas a *Escala de Avaliação da Flexibilidade e Coesão Familiar* (FACES IV) e a *Escala de Comunicação Familiar*, do Pacote FACES IV (Olson, 2011), do qual também faz parte a *Escala de Satisfação Familiar*, perfazendo um total de 44 itens.

Escala de Avaliação da Coesão e Flexibilidade Familiar (*Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale IV – FACES IV*; versão original: Olson, 2011). Este instrumento foi desenvolvido para a avaliação das dimensões do Modelo Circumplexo dos Sistemas Maritais e Familiares, isto é, permite “avaliar o funcionamento familiar através de um diagnóstico relacional” (Gouveia-Pereira et al., 2020), apresentando inovações face às suas versões anteriores, tendo sido validada para a população portuguesa de adolescentes por Gouveia-Pereira et al. (2020).

Os 24 itens deste instrumento são avaliados numa escala de tipo *Likert* de 5 pontos (de 1 – Discordo Totalmente a 5 – Concordo Totalmente) dividindo-se em 6 subescalas, 3 subescalas que avaliam a Coesão e 3 subescalas que avaliam a Flexibilidade. A Coesão divide-se em Coesão Equilibrada (5 itens – e.g. “Os membros da minha família estão envolvidos nas vidas uns dos outros”), Coesão Desagregada (5 itens – e. g. “Nós damos-nos melhor com pessoas de fora da nossa família do que com as

de dentro”) e Coesão Aglutinada (3 itens – e. g. “Os membros da minha família sentem-se pressionados a passarem juntos a maior parte do seu tempo”). A Flexibilidade divide-se em Rígida (3 itens – e. g. “Na nossa família, há consequências rigorosas para quem quebra as regras”) e Caótica (3 itens – e. g. “Na nossa família, parece que nunca nos conseguimos organizar”). Assim, valores mais altos em subescalas equilibradas indicam um FF funcional enquanto valores mais altos em subescalas desequilibradas indicam um FF disfuncional.

As análises conduzidas para o presente estudo revelaram uma boa fiabilidade das dimensões: Coesão Equilibrada ($\alpha = .83$), Desligada ($\alpha = .71$) e Aglutinada ($\alpha = .57$ (fiabilidade fraca); Flexibilidade Equilibrada ($\alpha = .78$), Rígida ($\alpha = .72$) e Caótica ($\alpha = .82$). De um modo geral a fiabilidade desta escala é razoável ($\alpha = .76$). Para a análise dos resultados foram considerados os rácios propostos por Olson (2011): coesão ($M = 1.87$, $DP = .81$) e flexibilidade ($M = 1.79$, $DP = .77$), na medida em que se estes rácios se encontram acima de 1 o sistema é considerado equilibrado/saudável.

Escala de Comunicação Familiar (Olson & Barnes, 1996) (versão revista e breve da escala *Parent-Adolescent Communication* (Barnes & Olson, 1985)). É uma escala de autorrelato que mede a qualidade da Comunicação Familiar sendo constituída por 10 itens (e. g. “Os membros da minha família estão satisfeitos com a forma como comunicam uns com os outros”) avaliados numa escala tipo *Likert* de 5 pontos (de 1 – Discordo Totalmente a 5 – Concordo Totalmente). A Comunicação é uma dimensão considerada facilitadora das dimensões da escala anterior, tendo como indicadores as capacidades de falar e ouvir, empatia e capacidade de negociação. ($\alpha = .84$) ($M = 3.60$, $DP = .73$).

2.3. Identificação à Família

Medida (item único) de identificação social (*Single-item Social Identification Measure – SISI*) (Postmes et al., 2013). A medida em questão foi desenvolvida originalmente por Postmes et al. (2013) e adaptada para o presente estudo em termos de tradução e de grupo ao qual a afirmação se refere, neste caso a família. É composta apenas por um item (“Identifico-me com a família”) no qual é pedido o nível de concordância do indivíduo numa escala de *Likert* de 7 pontos (1= Discordo Totalmente; 7= Concordo Totalmente) representando o grau de identificação com a sua família ($M = 5.57$ e $DP = 1.47$).

2.4. Comportamentos Autolesivos

Inventário dos Comportamentos Auto Lesivos (ICAL). O ICAL, desenvolvido com base na primeira secção do Inventário das Afirmações sobre os Comportamentos Autolesivos (Klonsky & Glenn, 2009), foi validado para a população portuguesa (adolescentes) por Duarte et al. (2019). Esta medida permite avaliar a frequência de 14 métodos de CAL e a sua severidade através de 3 fatores: CAL de severidade elevada (e.g. “cortei-me”); CAL Leves/Moderados (e.g. “cocei/arranhei-me até fazer ferida sem ser por causa de comichão”); Consumo de Substâncias Psicoativas (CSP). No presente estudo obteve-se uma média de 1.75 ($DP= 2.41$) em relação à diversidade de métodos de CAL utilizados.

2.5. Questionário Sociodemográfico

Foi ainda incluído um questionário sociodemográfico que incluiu as variáveis sexo, idade, nacionalidade, escolaridade, constituição familiar (agregado familiar, número de irmãos, etc.), entre outras.

3. PROCEDIMENTO

Este estudo é exploratório e correlacional, e enquadra-se numa abordagem quantitativa. Insere-se noutra projeto mais abrangente que foi revisto e aprovado pela Comissão de Ética do ISPA tendo sido as medidas utilizadas no presente estudo incluídas num protocolo com mais instrumentos.

Foram contactadas várias escolas portuguesas, às quais se informou o objetivo e procedimento da investigação, que aceitaram colaborar. Junto das turmas selecionadas foram obtidos os consentimentos informados (assentimentos para os menores de 18 anos) (Anexo A) dos adolescentes e dos pais dos menores de idade. Os dados foram recolhidos através de um questionário de autoresposta (online na plataforma *Qualtrics*) com uma duração média de 40 minutos, aplicado entre março e maio de 2023. A recolha foi feita em contexto de sala de aula consoante o tempo disponibilizado pela escola, no qual foi primeiramente explicado o objetivo do estudo e o carácter voluntário da participação, e assegurados o anonimato e confidencialidade das respostas. A análise dos dados foi realizada através do *IBM SPSS Statistics* (versão 29.0), no qual se recorreu a correlações de *Pearson*, ao *Teste t de Comparação de Médias para Amostras Independentes* e, através do *PROCESS macro* (versão 4.2), ao *Modelo de Mediação Simples*.

III. RESULTADOS

Vamos apresentar os resultados respondendo às nossas hipóteses. Começamos pela 1ª hipótese (*Existem diferenças entre os adolescentes com e sem história de CAL relativamente à Identificação com a Família, ao FF (coesão e flexibilidade, e comunicação familiar), e ao desenvolvimento da identidade*) realizando um *Teste t student* no qual se comparou as médias dos grupos (com e sem história de CAL) relativamente às variáveis em estudo: Identificação com a Família, Funcionamento Familiar e Identidade.

Tabela 2. Diferenças na Identificação com a Família, no Funcionamento Familiar (Coesão, Flexibilidade e Comunicação) e dimensões da Identidade, consoante a presença ou ausência de História de CAL (n= 443)

	História de CAL	Sem história de CAL	t	p	d de Cohen	
	M (DP)	M (DP)				
Identificação à Família	5.16 (1.68)	6.20 (.97)	8.005	<.001***	.758	
Rácio de Coesão	1.67 (.72)	2.07 (.84)	5,380	<.001***	.512	
Rácio de Flexibilidade	1.64 (.71)	1.94 (.79)	4.181	<.001***	.397	
Comunicação	3.40 (.75)	3.81 (.64)	6,240	<.001***	.592	
Identidade	Compromisso	3.49 (.93)	3.74 (.86)	2.862	.004**	.272
	Exploração em Amplitude	3.85 (.80)	4.02 (.62)	2.564	.011*	.243
	Exploração Ruminativa	3.50 (.84)	3.27 (.80)	-2.931	.004**	-.278
	Identificação com o Compromisso	3.44 (.80)	3.81 (.76)	5.013	<.001***	.476

* $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Verificaram-se diferenças significativas entre os adolescentes com e sem história de CAL no que diz respeito ao FF, verificando-se valores superiores de Coesão, Flexibilidade e Comunicação nos adolescentes sem História de CAL em comparação com adolescentes com História de CAL.

Relativamente às dimensões da Identidade, os sujeitos sem História de CAL apresentaram valores significativamente superiores de Compromisso, de Exploração em Amplitude e Identificação com o Compromisso, em relação aos sujeitos com História de CAL. Quanto à Exploração Ruminativa também se observam diferenças significativas

entre grupos pois os sujeitos com História de CAL apresentaram níveis superiores do que os sujeitos sem História de CAL.

Finalmente, sujeitos sem História de CAL apresentaram níveis significativamente superiores de Identificação com a Família do que sujeitos com História de CAL.

Para testar a 2ª hipótese que diz respeito à relação entre o FF (coesão, flexibilidade e comunicação) e as variáveis DIV (DIV), desenvolvimento da identidade e identificação com a família realizámos algumas correlações de *Pearson* (Tabela 2). Assim, verificou-se uma relação negativa entre os Rácios Coesão e Flexibilidade (Tabela 2) e a DIV, o que mostra que uma menor funcionalidade destas dimensões pressupõe maior DIV . O mesmo ocorre quando se verificou a correlação entre a Comunicação e a DIV, isto é, uma pobre Comunicação relaciona-se com o aumento da DIV.

Tabela 2. Correlações Entre as Variáveis em Estudo (n=443)

Variáveis	1	2	3	5	6	7	8	9	10	11
(1) História de CAL	-									
(2) Diversidade de CAL	.723**	-								
(3) Identificação	-.355**	-.465**	-							
(5) Rácio Coesão	-.248**	-.304**	.484**	-						
(6) Rácio Flexibilidade	-.195**	-.245**	.404**	.645**	-					
(7) Comunicação	-.285**	-.384**	.640**	.649**	.537**	-				
(8) Compromisso	-.135**	-.170**	.146**	n.s	.105*	.173**	-			
(9) Exploração em Amplitude	-.121*	-.150**	.153**	.258**	.206**	.260**	.261**	-		
(10) Exploração Ruminativa	.138**	.136**	n.s	n.s	n.s	n.s	-.285**	.299**	-	
(11) Identificação Compromisso	-.232**	-.300**	.295**	.271**	.234**	.380**	.703**	.360**	-.279**	-

Nota. CAL, *Comportamentos Autolesivos.* * $p < 0.05$, ** $p < 0.01$

Analisando as correlações entre os indicadores do FF e a Identidade verificou-se que o Rácio de Coesão apenas se correlacionou com duas das dimensões da Identidade, a Exploração em Amplitude e a Identificação com o Compromisso, na medida em que quanto maior é a Coesão familiar mais favorecidos são estes aspetos do desenvolvimento da identidade. Já a Flexibilidade e a Comunicação correlacionam-se positivamente com o Compromisso, com a Exploração em Amplitude e com a Identificação com o Compromisso, o que significa que quanto maior a Flexibilidade e / ou melhor a comunicação dentro do sistema familiar mais favorecidos são o Ciclo de Formação e a Identificação com o Compromisso.

Além disso, observam-se correlações positivas entre os Rácios de Coesão, de Flexibilidade, e Comunicação e a Identificação com a família. Isto quer dizer que a identificação com a família aumenta na mesma medida que a coesão e a flexibilidade são mais equilibradas e a qualidade da comunicação familiar é melhor.

Para testar a nossa 3ª hipótese (*Adolescentes com dificuldades no desenvolvimento identitário (Ciclos de Formação e Avaliação do Compromisso desfavorecidos, e Exploração Ruminativa favorecida) apresentam maior DIV*) conduzimos correlações de Pearson (Tabela 2) entre a DIV e as dimensões da Identidade.

É possível notar, como esperado, uma correlação positiva entre a DIV e a Exploração Ruminativa, isto é quanto maior o nível de Exploração Ruminativa maior DIV. Quanto às restantes dimensões, as correlações existentes são negativas. As correlações entre a DIV e o Compromisso e a Exploração em Amplitude, pressupõem a uma maior DIV aquando de uma falha no Ciclo de Formação do Compromisso. A correlação entre DIV e Identificação com o Compromisso remete para uma maior DIV aquando da dificuldade em comprometer-se com as alternativas identitárias.

Já de acordo com a 4ª hipótese (*Adolescentes com baixos níveis de Identificação à Família têm maior DIV*), a identificação com a família por sua vez tem uma correlação negativa com a DIV, ou seja, quando maior for a identificação com a família menor a DIV.

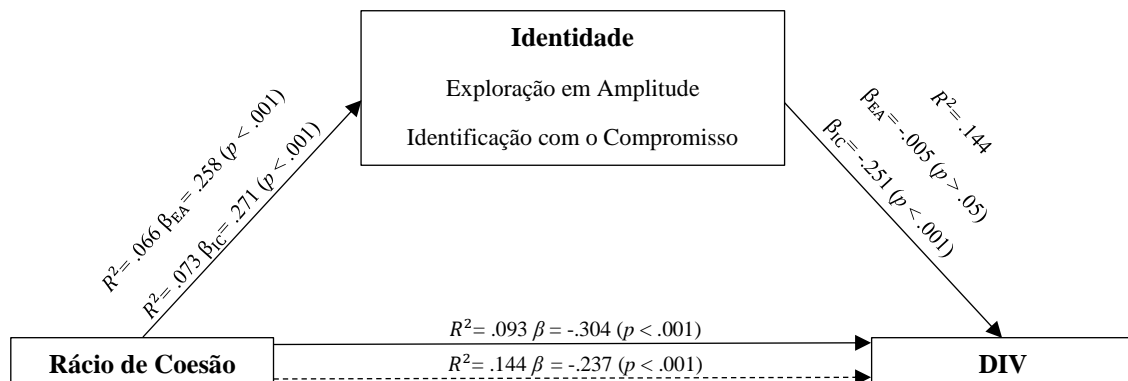
Seguidamente fomos responder às nossas duas últimas hipóteses nas quais propomos dois modelos de mediação. Por cada indicador do FF (coesão, flexibilidade e comunicação) foi conduzida uma análise de mediação para uma compreensão mais aprofundada destas associações. Assim acabámos por construir 6 modelos de mediação mais específicos,

representados nas figuras abaixo – 3 com a identidade como mediadora, e 3 com a identificação com a família como mediadora (Figuras 1 a 6).

A 5ª hipótese postula que há uma relação entre o FF (coesão, flexibilidade e comunicação) e a DIV que é mediada pelas dimensões da identidade (a exploração ruminativa não será considerada por a sua correlação não ser significativa). As análises de mediação foram conduzidas através do PROCESS macro (versão 4.2) no programa SPSS.

Figura 1

Identidade como mediadora da relação entre a Coesão Familiar e a DIV



De acordo com Baron e Kenny (1986) para que o modelo de mediação se verifique, devem ser preenchidas quatro condições. A primeira condição é que se verifique um efeito significativo da variável independente na variável mediadora. Assim, olhámos para o efeito do Rácio de Coesão nas dimensões da identidade, que apenas se revelou significativo nas dimensões Exploração em Amplitude ($\beta_{EA} = .258$) e Identificação com o Compromisso ($\beta_{IC} = .271$) (Figura 1).

A segunda condição foca-se na relação entre a variável independente (Coesão) e a variável dependente (DIV) na qual foi possível observar que o efeito do Rácio de Coesão ($\beta = -.304$) (Figura 1) na DIV são significativos. Isto é, a segunda condição é cumprida.

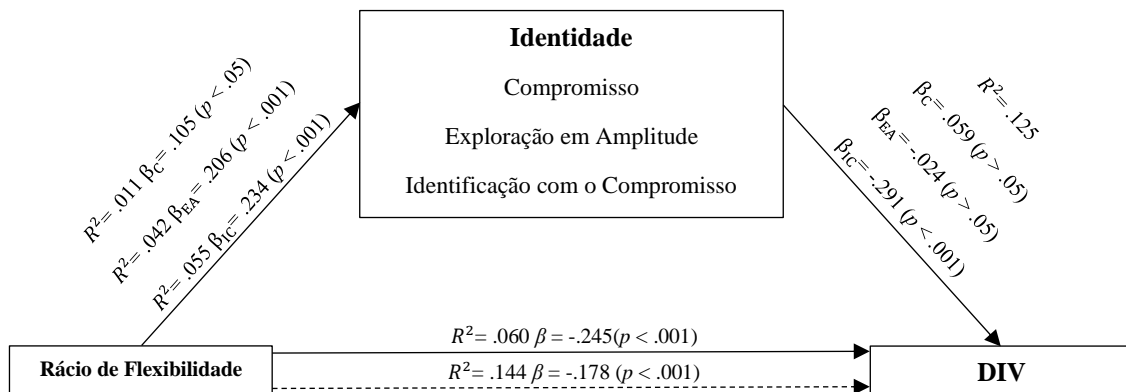
A terceira condição conta com a introdução da variável mediadora no modelo implicando a manutenção de um efeito significativo da mesma (dimensões da identidade) na variável dependente (DIV). Assim, observa-se que apenas a Identificação com o Compromisso teve um efeito significativo na DIV ($\beta_{IC} = -.251$) (Figura 1).

Finalmente, a quarta condição proposta por Baron & Kenny (1986) implica que o efeito variável independente na variável dependente descrito na terceira condição seja menor do que o da segunda condição ou, por outras palavras, que o efeito direto, seja menor do que

o efeito total (verificado na segunda condição). Na Figura 1 é possível analisar uma ligeira diminuição do efeito da Coesão na DIV ($\beta = -.304, p < .001, R^2 = .093$) quando introduzida a dimensão de Identificação com o Compromisso ($\beta = -.237, p < .001, R^2 = .144$), o que significa que esta dimensão é mediadora parcial da relação entre a Coesão e a DIV.

Figura 2

Identidade como mediadora da relação entre a Flexibilidade Familiar e a DIV

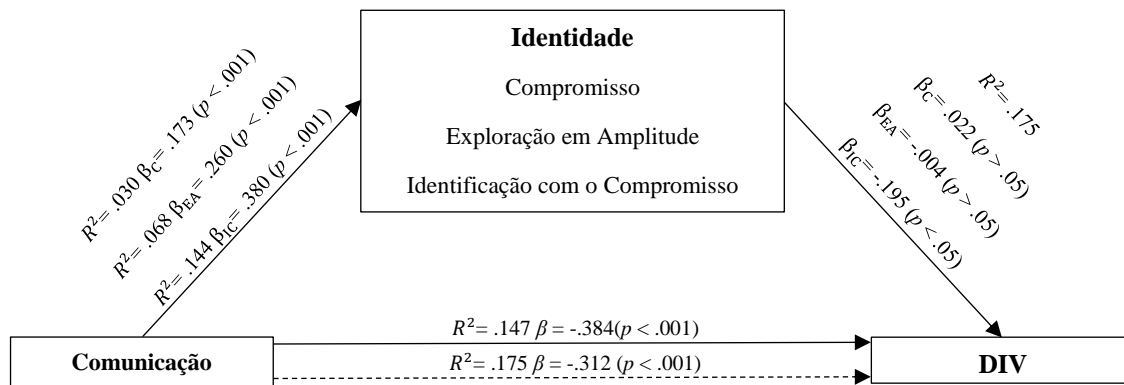


Na Figura 2 consta o modelo construído para análise do papel da identidade na relação entre a flexibilidade e a DIV.

Retomando as condições apontadas por Baron e Kenny (1986): verifica-se um efeito significativo do Rácio de flexibilidade nas dimensões Compromisso ($\beta_c = .105$), Exploração em Amplitude ($\beta_{EA} = .206$) e Identificação com o Compromisso ($\beta_{IC} = .234$), cumprindo-se a primeira condição; também se verifica a segunda condição já que há um efeito significativo do Rácio de flexibilidade na DIV ($\beta = -.245$); quanto à terceira condição, à semelhança do modelo anterior, apenas a Identificação teve um efeito significativo na DIV ($\beta_{IC} = -.291$). Assistiu-se ainda a uma ligeira diminuição do efeito do Rácio de flexibilidade na DIV ($\beta = -.245, p < .001, R^2 = .060$) quando introduzida a Identificação com o Compromisso ($\beta = -.178, p < .001, R^2 = .125$), cumprindo-se a quarta condição e validando o modelo de mediação no qual a Identificação com o Compromisso é mediadora parcial da relação entre a flexibilidade e a DIV.

Figura 3

Identidade como mediadora da relação entre a Comunicação Familiar e a DIV



Para finalizar o teste da 5ª hipótese colocada, na figura 3 está representado o modelo de mediação para a relação entre a comunicação e a DIV e o papel da identidade na mesma, à semelhança dos modelos anteriores.

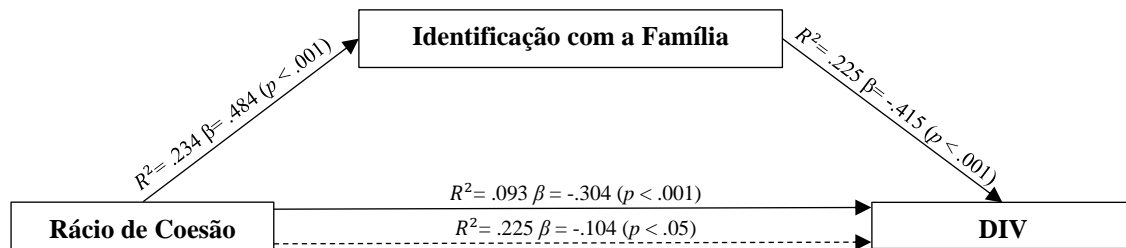
À semelhança do que ocorreu com o rácio de flexibilidade, verificaram-se efeitos significativos da Comunicação nas dimensões Compromisso ($\beta_C = .173$), Exploração em Amplitude ($\beta_{EA} = .260$) e Identificação com o Compromisso ($\beta_{IC} = .380$), o que significa que se cumpre a primeira condição proposta por Baron & Kenny (1986). A segunda condição também se verifica, pois há um efeito significativo da comunicação na DIV ($\beta = -.384$). A terceira condição, por sua vez, apenas se cumpre com o efeito significativo da dimensão Identificação com o Compromisso na DIV ($\beta_{IC} = -.195$), como demonstrado nos modelos anteriores.

Por fim, verifica-se uma ligeira diminuição do efeito da comunicação na DIV ($\beta = -.384$, $p < .001$, $R^2 = .147$) na presença da dimensão de Identificação com o Compromisso ($\beta = -.312$, $p < .001$, $R^2 = .175$), validando-se o modelo de mediação no qual, a Identificação do Compromisso é mediadora parcial da relação entre a comunicação e a DIV.

Para testar a nossa 6ª e última hipótese realizámos uma análise de mediação no qual a variável mediadora será a identificação à família. À semelhança do que fizemos anteriormente, construímos 3 modelos específicos para cada indicador do FF.

Figura 4

Identificação como mediadora da relação entre a Coesão Familiar e a DIV

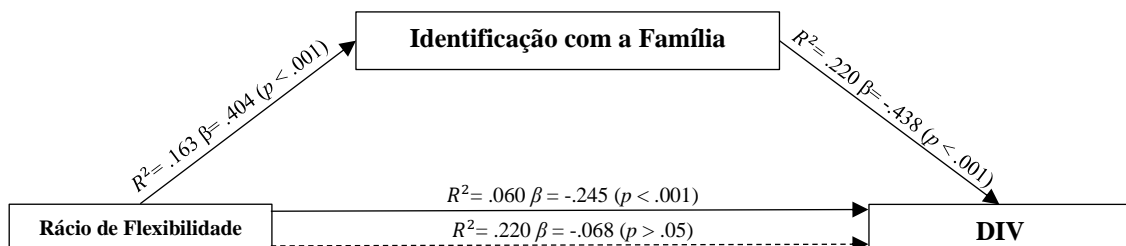


A Figura 4 demonstra o modelo que representa o papel da identificação com a família na relação entre a coesão e a DIV.

Seguindo as condições de Baron & Kenny (1986): verificou-se um efeito significativo da variável independente (rácio da coesão) na variável mediadora (identificação com a família) ($\beta = .484$), cumprindo-se a primeira condição; houve um efeito significativo da variável independente na variável dependente (DIV) ($\beta = -.304$), verificando-se a segunda condição; além disso, houve um efeito significativo da variável identificação com a família na DIV ($\beta = -.415$). Deste modo, e cumprindo a última condição, há a validação do modelo deste modelo de mediação pois o efeito do rácio de coesão na DIV foi menor na terceira condição do que na segunda condição, isto é, assistiu-se a uma diminuição do efeito da Coesão na DIV ($\beta = -.304$, $p < .001$, $R^2 = .093$) quando introduzida a dimensão de Identificação com a Família ($\beta = -.104$, $p < .05$, $R^2 = .225$). É possível afirmar que a identificação com a família é mediadora parcial da relação entre a coesão e a DIV.

Figura 5

Identificação como mediadora da relação entre a Flexibilidade Familiar e a DIV

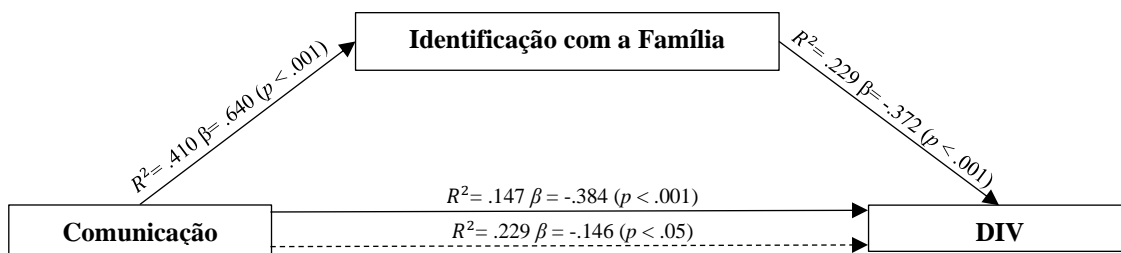


Relativamente ao papel da identificação com a família na relação entre a flexibilidade e a DIV, o modelo construído está representado na Figura 5.

Foi observado um efeito significativo da flexibilidade na identificação com a família ($\beta = .404$), verificando-se a primeira condição proposta por Baron & Kenny (1986). A segunda condição também se cumpre pois, também há um efeito significativo entre a flexibilidade e a DIV ($\beta = -.245$). Mais se afirma que também existiu um efeito significativo da identificação com a família na DIV ($\beta = -.438$), cumprindo-se a terceira condição. Este modelo de mediação é validado pelo cumprimento de todas as condições pois também se cumpre a quarta condição: o efeito da flexibilidade na DIV ($\beta = -.245, p < .001, R^2 = .060$) quando introduzida a dimensão de Identificação com a Família ($\beta = -.068, p > .05, R^2 = .220$), deixa de ser estatisticamente significativo. Ou seja, A identificação com a família é mediadora total da relação entre a flexibilidade e a DIV.

Figura 6

Identificação como mediadora da relação entre a Comunicação Familiar e a DIV



O último modelo construído revela o papel da identificação com a família na relação entre a comunicação e a DIV (Figura 6).

Neste caso são cumpridas todas as condições apontadas por Baron & Kenny (1986): efeito significativo da comunicação na identificação com a família ($\beta = .640$); efeito significativo da comunicação na DIV ($\beta = -.384$); efeito significativo da identificação com a família na DIV ($\beta = -.372$); e a diminuição do efeito da comunicação na DIV ($\beta = -.384, p < .001, R^2 = .147$) quando introduzida a variável identificação com a família ($\beta = -.146, p < .05, R^2 = .229$). Assim, há mediação parcial da relação entre a comunicação e a DIV por parte da identificação com a família.

IV. DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo principal investigar a relação entre o FF e a Diversidade de CAL, e o impacto que o desenvolvimento da identidade e a identificação à família têm na mesma.

Foram demonstradas as diferenças entre adolescentes com e sem história de CAL no que diz respeito a todas as variáveis em estudo (identificação com a família, FF e desenvolvimento da identidade) de acordo com a nossa 1ª hipótese. A diferença nos níveis de identificação com a família pode ser explicada pelo facto da mesma se relacionar com o bem-estar psicológico (Greenaway et al., 2015; Haslam et al., 2009; Haslam et al., 2019; McNamara et al., 2021; Miller et al., 2017; Sani et al., 2012), tendo os adolescentes com história de CAL (evidência de mau-estar psicológico) obtido menores níveis de identificação com a família. Quanto ao FF, os nossos resultados vão de encontro aos do estudo de Kostić et al. (2019) pois também no nosso estudo os adolescentes com história de CAL apresentaram indicadores de um FF mais desequilibrado do que os restantes sem história de CAL. Finalmente, em coerência com a literatura existente que revela a associação entre a identidade e os CAL (Breen et al., 2013; Claes et al. 2014; Gandhi et al. 2016; Gandhi et al., 2020), os adolescentes com história de CAL evidenciaram mais dificuldades ao nível do desenvolvimento da identidade.

1. O FUNCIONAMENTO FAMILIAR E A DIVERSIDADE DE CAL

A 2ª hipótese por nós levantada diz respeito às relações estabelecidas entre o FF e as restantes variáveis.

Primeiramente, a correlação negativa encontrada entre o FF e os CAL, mais concretamente com todos os seus indicadores – coesão, flexibilidade e comunicação – demonstra que um pior FF (coesão e flexibilidade desequilibradas e uma comunicação pobre) está relacionado com uma maior diversidade de métodos utilizados nos CAL. Assim, um sistema familiar no qual há falta de compromisso e vínculos entre membros, com definição rígida dos papéis e dificuldade em reforçar e / ou mudar as regras familiares e / ou com uma comunicação de má qualidade poderá levar os adolescentes integrantes destas famílias a recorrerem a métodos mais diversos de CAL. Deste modo se confirma a nossa primeira hipótese de que indivíduos com um FF desequilibrado apresentam mais DIV.

Isto pode ser explicado pelo facto de uma forte ligação entre membros (coesão), uma dinâmica familiar flexível e na qual há espaço para a renegociação (comunicação),

constituírem fatores protetores para o bem-estar psicológico (Gouveia-Pereira et al., 2014; Klemra et al., 2017; Wester & King, 2018) enquanto o oposto, uma pobre comunicação familiar (Latina et al., 2015; Tulloch et al., 1997) caracterizada pela desvalorização das emoções (Linehan, 1993) contribui para a emergência destes comportamentos.

Estes resultados vão de encontro à evidência empírica existente sobre a relação entre o FF e os CAL na medida em que, de modo geral, está provado que um ambiente familiar adverso tem um impacto negativo no desenvolvimento emocional do indivíduo (Gottman et al., 1997; Shipman & Zeman, 2001; Yen et al., 2015), estando, por exemplo, um FF desequilibrado associado a maiores níveis de ideação suicida (Gouveia-Pereira et al., 2014). Em termos mais específico, à semelhança do presente estudo, estudos como o de Kostić et al. (2019) chegaram à conclusão de é comum que as famílias de adolescentes com CAL tenham menores níveis de coesão e flexibilidade.

2. O FUNCIONAMENTO FAMILIAR E A IDENTIDADE

Também se confirmou a relação entre o FF e os Ciclos de Identidade na medida em que se observou uma correlação positiva significativa entre estas variáveis. Deste modo, um FF equilibrado, especialmente ao nível da coesão e da comunicação, favorece o Ciclo de Formação do Compromisso (níveis de Exploração em Amplitude e Compromisso). Quanto ao aspeto Identificação com o Compromisso também é possível chegar à conclusão de que quanto mais funcional o sistema, maiores serão os níveis de identificação com o compromisso, demonstrando a importância da família aquando da avaliação do grau de segurança quanto aos compromissos já estabelecidos. Sobre o Ciclo de Avaliação do Compromisso não foi possível chegar a conclusão alguma visto que a dimensão Exploração em Profundidade não foi considerada.

Assim, um sistema familiar no qual existem relações próximas, flexibilidade para a renegociação e uma boa comunicação entre membros favorece a exploração de alternativas identitárias e o estabelecimento de compromissos com as mesmas. Estes resultados e sua interpretação podem ser justificados através da literatura existente que afirma que o desenvolvimento da identidade é favorecido num contexto de relações de apoio e proximidade, aceitação e flexibilidade por parte da família (Branje et al., 2021) assumindo a qualidade da comunicação familiar especial relevância através do encorajamento dos compromissos e apoio da exploração e autonomia dos adolescentes (Beyers & Goossens, 2008; Sznitman et al., 2019).

Mais se afirma que, em comparação com os resultados obtidos no estudo conduzido por Prioste et al. (2019) existem semelhanças quanto à importância da coesão, já que nesse estudo houve um efeito particularmente negativo dos baixos níveis de coesão na dimensão Exploração em Amplitude. Olhando para outros estudos com resultados semelhantes, é possível afirmar que a coesão assume um papel importante no desenvolvimento da identidade (Alarcão, 2006; Branje et al., 2021; Matheis & Adams, 2004) estando particularmente associada às dimensões compromisso e identificação com o compromisso (Luyckx et al., 2008; Prioste et al., 2019). O que reitera a importância das relações familiares de proximidade especialmente no que diz respeito à adesão a compromissos identitários e grau de segurança face a esses compromissos.

Ao contrário do esperado e do estudo de Prioste et al. (2019), não se verificaram relações significativas entre qualquer um dos indicadores de FF e o processo desadaptativo da identidade - Exploração Ruminativa.

3. O FUNCIONAMENTO FAMILIAR E A IDENTIFICAÇÃO

A identificação à família é uma variável pouco estudada e, como tal, a sua relação com o FF, apesar de ser esperada, nunca foi testada. Ainda na nossa 2ª hipótese antecipámos que a relação entre estas duas variáveis seria positiva, o que se verificou. Um melhor FF (coesão, flexibilidade e comunicação) associou-se a maiores níveis de identificação com a família. Sendo a identificação com a família a medida em que o indivíduo sente que pertence à sua família (Sani et al., 2012), e considerando as correlações descritas, é esperado que num ambiente no qual existem relações de proximidade (coesão) seja mais provável a identificação com o mesmo, ainda que seja no período da adolescência no qual é mais propenso o desencadear de conflitos devido à renegociação de papéis (flexibilidade) (Attygalle 2022) e dificuldade na comunicação (Prioste et al., 2019).

4. A IDENTIDADE E A DIVERSIDADE DE CAL

A nossa 3ª hipótese também se confirmou, já que a DIV mostrou-se correlacionada com a Identidade na medida em que indivíduos que exibem perturbações no Ciclo da Formação do Compromisso, altos níveis de Exploração Ruminativa e níveis inferiores de Identificação com o Compromisso recorrem a mais métodos diferentes de CAL, o que vai de encontro à nossa quarta hipótese. Sabendo que processos menos adaptativos ao nível do desenvolvimento da identidade aumentam a probabilidade de CAL (Luyckx et al., 2015) este facto também se aplicará à diversidade dos mesmos. Mais se afirma que esta relação pode

indicar que uma maior DIV constitui uma tentativa de lidar com as dificuldades ao nível identitário (Claes et al., 2014).

Apesar de não existirem estudos que considerem o Modelo Integrativo do Desenvolvimento Identitário, os nossos resultados vão de encontro à literatura que existe sobre o poder preditivo da Identidade sobre os CAL (Luyckx et al., 2015; Gandhi et al., 2020) na medida em que os aspetos negativos da Identidade (p. e. Confusão de Identidade) se associam a maior probabilidade de CAL (Claes et al., 2014; Gandhi et al., 2016). Mais se afirma que, existe evidência de que, os CAL surgem como forma de lidar com a Confusão de identidade (Claes et al., 2014), podendo ser uma fonte de identificação entre indivíduos que os praticam através do desenvolvimento de uma identidade própria do grupo (“auto-lesionador”) (Breen et al., 2013). Apesar de não ser possível afirmar a relação bidirecional entre estas variáveis no presente estudo à semelhança do que foi descrito por Gandhi et al., (2017), os resultados obtidos são coerentes e justificados à luz da evidência existente. A bidirecionalidade desta relação é relevante tanto para o conhecimento científico como para a prática clínica, como tal, é recomendável que estudos futuros se debrucem sobre a mesma.

5. A IDENTIFICAÇÃO E A DIVERSIDADE DE CAL

De acordo com os resultados obtidos, indivíduos com maiores níveis de identificação com a família recorrem a um menor número de métodos de CAL o que vai de encontro à 4ª hipótese por nós colocada. O que pode ser justificado pelo facto da identificação grupal ser um fator de proteção que molda a experiência psicológica do indivíduo através das relações interpessoais significativas (sentimento de pertença, apoio social, etc.) promovendo o bem estar (físico e mental) (Greenaway et al., 2015; Haslam et al., 2009; Haslam et al., 2019; McNamara et al., 2021; Miller et al., 2017; Sani et al., 2012), ou seja, a necessidade de recorrer a diversos métodos de CAL em prol da regulação emocional será amenizada pela identificação à família.

Na literatura, o único estudo encontrado com o objetivo algo semelhante ao nosso de perceber a relação entre a identificação familiar e os CAL, foi conduzido por Assavedo e Anestis (2015), no qual foi encontrada uma relação positiva entre os CAL e o sentimento de ‘pertença frustrada’, isto é, uma perceção de falta de conexões significativas pode levar a que o indivíduo recorra a CAL de forma mais frequente. Como já referido, o sentimento de pertença tem um papel importante na identificação o que faz com que os resultados de Assavedo e Anestis (2015) sejam relevantes para a discussão dos nossos resultados.

6. O PAPEL MEDIADOR DA IDENTIFICAÇÃO

As nossas últimas hipóteses focaram-se no papel mediador das variáveis Identidade e Identificação com a Família na relação entre o FF e a DIV.

Quanto à 5ª hipótese, esperava-se que a maior parte dos processos subjacentes ao desenvolvimento da Identidade como explicados pelo Modelo Integrativo do Desenvolvimento Identitário fossem mediadores (parciais) da relação entre os indicadores do FF e a DIV, o que não foi comprovado pelos resultados já que apenas a dimensão identificação com o compromisso mediou parcialmente estas relações. Apesar disso, a descoberta principal e inovadora do presente estudo prende-se com a importância da identificação na relação entre o FF e a DIV.

A Identificação com o Compromisso (dimensão do desenvolvimento da identidade) mediou parcialmente as relações entre o FF (coesão, flexibilidade e comunicação) e a DIV. Isto é, quanto mais equilibrado for o FF (níveis equilibrados de coesão e flexibilidade e boa comunicação), maior grau de segurança existirá em relação aos compromissos identitários, o que levará à utilização de menos métodos de CAL. É demonstrada aqui a importância que a identificação assume dentro do desenvolvimento da identidade, o que vai de encontro ao que foi explorado na revisão de literatura de como a pertença a um grupo e identificação com o mesmo serve para a definição da identidade do indivíduo (Greenaway et al., 2015; Haslam et al., 2009; Haslam et al., 2019). Sendo esse grupo a família, ainda mais importância tem a identificação. Estudos futuros devem explorar esta relação mais aprofundadamente dada a sua importância para o bom desenvolvimento do adolescente.

Por sua vez, a Identificação com a Família revelou-se uma variável mediadora importante na relação em questão, mediando parcialmente as relações entre a coesão e a comunicação e a DIV, e totalmente a relação entre a flexibilidade e a DIV. Assim, quanto melhor for o FF (níveis equilibrados de coesão e comunicação respeitosa e aberta), menor dificuldade terá o adolescente em se identificar com a sua família (o que é fundamental para o desenvolvimento da sua identidade), o que levará à utilização de menos métodos de CAL. Quanto à relação Flexibilidade / DIV, a mediação total pressupõe que a identificação à família é muito importante na mesma, anulando o efeito que a flexibilidade exerce na DIV.

7. LIMITAÇÕES, PERSPETIVAS E UTILIDADE DO ESTUDO

A primeira limitação que vale a pena destacar foi o possível enviesamento da desejabilidade social já que todas as medidas utilizadas são de autorresposta. Ainda quanto às nossas medidas, estas estão incluídas num protocolo que faz parte dum projeto mais vasto, o qual incluiu vários instrumentos tornando a sua extensão mais demorada e podendo tornar-se cansativo o seu preenchimento para os participantes. Além disso, apesar do tamanho considerável e características da amostra, a generalização dos resultados é limitada, assim sendo, será relevante a aplicação do questionário a alunos de cada distrito de Portugal tornando a amostra ainda mais representativa dos adolescentes portugueses. Será interessante que estudos futuros também apostem a exploração das relações causa-efeito entre as variáveis, o que o presente estudo não fez.

Outras limitações que importa destacar são ao nível dos instrumentos. Na Escala das Dimensões do Desenvolvimento Identitário, a decisão de não se considerar a dimensão Exploração em Profundidade limitou os resultados e, conseqüentemente, a sua interpretação, assim, recomenda-se a utilização / construção de outro instrumento cujas dimensões se correlacionem com os indicadores de FF em prol de uma análise mais aprofundada dessa relação.

Apesar das limitações apontadas, o presente estudo é relevante por ser pioneiro na análise da relação de mediação entre as variáveis em questão e no apontar da importância da identificação com a família para o desenvolvimento da identidade na adolescência, assunto sobre o qual há uma lacuna na literatura, e na relação entre o FF e a DIV reiterando a importância que a família tem na saúde mental, nomeadamente, na prevenção e reabilitação de comportamentos como estes na altura em que são mais prevalentes (na adolescência).

8. IMPLICAÇÕES CLÍNICAS

Os resultados do presente estudo acrescentam evidência ao corpo de conhecimento existente sobre a importância que a família tem na vida do adolescente, mais concretamente, no que diz respeito à sua saúde mental e ao desenvolvimento da sua identidade. Neste caso, provou-se, à semelhança de estudos anteriores, que um ambiente familiar próximo, flexível e caracterizado por uma comunicação aberta e respeitosa não só leva à diminuição do número de métodos de CAL utilizados (Gouveia-Pereira et al., 2014; Kostić et al., 2019) como favorece o desenvolvimento da identidade dos adolescentes (Branje et al., 2021; Prioste et al., 2019). Os resultados sobre a associação entre o desenvolvimento da identidade e os CAL

também são considerados importantes e consistentes com o conhecimento científico existente (Breen et al., 2013; Claes et al., 2014; Gandhi et al., 2016; Luyckx et al., 2015), trazendo também inovação pela análise do desenvolvimento identitário através do Modelo Integrativo do Desenvolvimento Identitário. A identificação (com a família e com o compromisso) revelou-se uma variável importante na relação entre a família e os CAL, o que constitui um aspecto inovador deste estudo. Em termos clínicos, é importante a sensibilização para a importância que o núcleo familiar assume no desenvolvimento do adolescente.

As implicações práticas dos resultados obtidos prendem-se com o papel que os profissionais da saúde mental têm junto das famílias dos adolescentes. Deve apostar-se na consciencialização de que deve existir uma separação psicológica equilibrada entre pais e adolescentes em prol de um bom desenvolvimento da identidade caracterizado por espaço para a exploração e segurança para o estabelecimento de compromissos. Relações desequilibradas entre adolescentes e familiares contribuem para o emergir de sintomas como os CAL, sendo importante promover relações próximas, com espaço para a renegociação de papéis e regras através de uma boa comunicação, quando necessário em contexto clínico. Este equilíbrio vai permitir uma maior identificação com a família, levando a um maior bem-estar psicológico. É importante assim a consciência da importância da família e do seu funcionamento na vida dos adolescentes por parte dos profissionais de saúde mental para que, ao se acompanhar os adolescentes, também se aposte na intervenção (direta ou indireta) com a família. Também é relevante a criação e disponibilização de informação (baseada na literatura científica) prática que seja acessível aos pais.

V. REFERÊNCIAS

- Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios Familiares* (3ª ed.). Coimbra, Portugal: Quarteto.
- Ammerman, B. A., Jacobucci, R., Turner, B. J., Dixon-Gordon, K. L., & McCloskey, M. S. (2020). Quantifying the Importance of Lifetime Frequency Versus Number of Methods in Conceptualizing Nonsuicidal Self-Injury Severity. *Psychology of violence, 10*(4), 442-451. <http://dx.doi.org/10.1037/vio0000263>
- Barnes, H. L., & Olson, D. H. (1985). Parent-Adolescent Communication and the Circumplex Model. *Child Development, 56*(2), 438-447. <https://doi.org/10.2307/1129732>
- Baron, R. M., & Kenny, D. A. (1986). The Moderator-Mediator Variable Distinction in Social Psychological Research: Conceptual, Strategic, and Statistical Considerations. *Journal of Personality and Social Psychology, 51*(6), 1173-1182. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.51.6.1173>
- Berzonsky, M. D., Soenens, B., Luyckx, K., Smits, I., Papini, D. R., & Goossens, L. (2013). Development and validation of the revised Identity Style Inventory (ISI-5): factor structure, reliability, and validity. *Psychological assessment, 25*(3), 893-904. <https://doi.org/10.1037/a0032642>
- Beyers, W., & Goossens, L. (2008). Dynamics of perceived parenting and identity formation in late adolescence. *Journal of Adolescence, 31*(2), 165-184. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2007.04.003>
- Bosma, H. A., & Kunnen, E. S. (2001). Determinants and mechanisms in ego identity development: A review and synthesis. *Developmental Review, 21*(1), 39-66. <https://doi.org/10.1006/drev.2000.0514>
- Branje, S., de Moor, E. L., Spitzer, J., & Becht, A. I. (2021). Dynamics of Identity Development in Adolescence: A Decade in Review. *Journal of Research on Adolescence, 31*(4), 908-927. <https://doi.org/10.1111/jora.12678>
- Branje, S., Laursen, B., & Collins, W. A. (2012). Parent-child communication during adolescence. Em A. L. Vangelisti, *The Routledge Handbook of Family Communication* (pp. 283-298). Routledge.

- Brausch, A. M., & Gutierrez, P. M. (2010). Differences in Non-Suicidal Self-Injury and Suicide Attempts. *Journal of youth and adolescence*, 39(3), 233-242.
<https://doi.org/10.1007/s10964-009-9482-0>
- Breen, A. V., Lewis, S. P., & Sutherland, O. (2013). Brief Report: Non-suicidal Self-injury in the Context of Self and Identity Development. *Journal of Adult Development*, 20(1), 57-62. <https://doi.org/10.1007/s10804-013-9156-8>
- Carter, B. E., & McGoldrick, M. E. (1988). *The changing family life cycle: A framework for family therapy*. Gardner Press.
- Cassels, M., Harmelen, A. V., Neufeld, S., Goodyer, I., Jones, P. B., & Wilkinson, P. (2018). Poor family functioning mediates the link between childhood adversity and adolescent nonsuicidal self-injury. *The Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 59(8), 881-887. <https://doi.org/10.1111/jcpp.12866>
- Chen, K., Lay, K., Wu, Y., & Yao, G. (2007). Adolescent self-identity and mental health: The function of identity importance, identity firmness, and identity discrepancy. *Chinese Journal of Psychology*, 49(1), 53-72.
- Claes, L., Luyckx, K., & Bijttebier, P. (2014). Non-suicidal self-injury in adolescents: Prevalence and associations with identity formation above and beyond depression. *Personality and Individual Differences*, 61, 101-104.
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2013.12.019>
- Clarke, L., & Whittaker, M. (1998). Self-mutilation: culture, contexts and nursing responses. *Journal of clinical nursing*, 7(2), 129-137. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2702.1998.00120.x>
- Côté, J. E., & Levine, C. (1988). A critical examination of the ego identity status paradigm. *Developmental review*, 8(2), 147-184. [https://doi.org/10.1016/0273-2297\(88\)90002-0](https://doi.org/10.1016/0273-2297(88)90002-0)
- Crocetti, E., Branje, S., Rubini, M., Koot, H. M., & Meeus, W. (2017). Identity processes and parent-child and sibling relationships in adolescence: A five-wave multiinformant longitudinal study. *Child Development*, 88(1), 210-228.
<https://doi.org/10.1111/cdev.12547>

- De Goede, I. H., Branje, S. J., Desling, M. J., & Meeus, W. H. (2009). Linkages over time between adolescents' relationships with parents and friends. *Journal of Youth and Adolescence*, 38, 1304-1315. <https://doi.org/10.1007/s10964-009-9403-2>
- Duarte, E., Gouveia-Pereira, M., & Gomes, H. S. (2019). Development and Factorial Validation of the Inventory of Deliberate Self-Harm Behaviours for Portuguese Adolescents. *Psychiatric Quarterly*, 90, 761-776. <https://doi.org/10.1007/s11126-019-09660-1>
- Duarte, T. A., Paulino, S., Almeida, C., Gomes, H. S., Santos, N., & Gouveia-Pereira, M. (2020). Self-harm as a predisposition for suicide attempts: A study of adolescents' deliberate self-harm, suicidal ideation, and suicide attempts. *Psychiatry Research*, 287, 1-7. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2019.112553>
- Durkheim, E. (2000). *O Suicídio* (1ª ed.). (M. Stahel, Trad.) São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda.
- Eisenberg, N., Cumberland, A., & Spinard, T. L. (1998). Parental Socialization of Emotion. *Psychological Inquiry*, 9(4), 241-273. https://doi.org/10.1207/s15327965pli0904_1
- Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and Crisis*. W. W. Norton & Company, Inc.
- Favazza, A. R., & Rosenthal, R. J. (1993). Diagnostic issues in self-mutilation. *Psychiatric Services*, 44(2), 134-140. <https://doi.org/10.1176/ps.44.2.134>
- Felitti, V. J., Anda, R. F., Nordenberg, D., Williamson, D. F., Spitz, A. M., Edwards, V., Koss, M. P. & Marks, J. S. (1998). Relationship of childhood abuse and household dysfunction to many of the leading causes of death in adults: The Adverse Childhood Experiences. *American journal of preventive medicine*, 14(4), 245-258. [https://doi.org/10.1016/s0749-3797\(98\)00017-8](https://doi.org/10.1016/s0749-3797(98)00017-8)
- Fleming, M. (1993). *Adolescência e Autonomia: O desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*. Edições Afrontamento.
- Fleming, M. (2005). *Entre o Medo e o Desejo de Crescer*. Edições Afrontamento.
- Fortune, S., Cottrell, D., & Fife, S. (2016). Family factors associated with adolescent self-harm: a narrative review. *Journal of Family Therapy*, 38(2), 226-256. <https://doi.org/10.1111/1467-6427.12119>

- Fox, K. R., Franklin, J. C., Ribeiro, J. D., Kleiman, E. M., Bentley, K. H., & Nock, M. K. (2015). Meta-analysis of risk factors for nonsuicidal self-injury. *Clinical Psychology Review, 42*, 156-167. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2015.09.002>
- Gandhi, A., Claes, L., Bosmans, G., Baetens, I., Wilderjans, T. F., Maitra, S., Kiekens, G., & Luyckx, K. (2016). Non-Suicidal Self-Injury and Adolescents Attachment with Peers and Mother: The Mediating Role of Identity Synthesis and Confusion. *Journal of child and Family Studies, 25*(6), 1735-1745. <https://doi.org/10.1007/s10826-015-0350-0>
- Gandhi, A., Luyckx, K., Adhikari, A., Parmar, D., De Sousa, A., Shah, N., Maitra, S., & Claes, L. (2020). Nonsuicidal self-injury and identity formation in Indian clinical and nonclinical samples: A comparative study. *International Journal of Social Psychiatry, 67*(3), 219-226. <https://doi.org/10.1177/0020764020943618>
- Gandhi, A., Luyckx, K., Baetens, I., Kiekens, G., Sleuwaegen, E., Berens, A., Maitra, S., & Claes, L. (2018). Age of onset of non-suicidal self-injury in Dutch-speaking adolescents and emerging adults: An event history analysis of pooled data. *Comprehensive Psychiatry, 80*, 170-178. <https://doi.org/10.1016/j.comppsy.2017.10.007>
- Gandhi, A., Luyckx, K., Molenberghs, G., Baetens, I., Goossens, L., Maitra, S., & Claes, L. (2019). Maternal and peer attachment, identity formation, and non-suicidal self-injury: a longitudinal mediation study. *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health, 13*(1), 1-11. <https://doi.org/10.1186/s13034-019-0267-2>
- Gandhi, A., Luyckx, K., S., M., Kiekens, G., Verschueren, M., & Claes, L. (2017). Directionality of effects between non suicidal self-injury and identity formation: A prospective study in adolescents. *Personality and Individual Differences, 109*, 124-129. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.01.003>
- Gottman, J. M., Katz, L. F., & Hooven, C. (1997). *Meta-emotion: How families communicate emotionally*. <https://doi.org/10.4324/9780203763568>
- Gouveia-Pereira, M., Abreu, S., & Martins, C. (2014). How do Families of Adolescents with Suicidal Ideation Behave? *Psicologia: Reflexão e Crítica, 27*(1), 171-178. <https://doi.org/10.1590/s0102-79722014000100019>

- Gouveia-Pereira, M., Duarte, E., Gomes, H. S., Silva, C. T., & Santos, N. (2022). Exploring the suicidal continuum: Deliberate self-harm diversity and severity as predictors of suicidal ideation and suicide attempts. *Psychiatry Research*, 309, 114400. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2022.114400>
- Gouveia-Pereira, M., Gomes, H., Miranda, M., & Candeias, M. J. (2020). Coesão e flexibilidade familiar: Validação do pacote FACES IV junto de adolescentes portugueses. *Análise Psicológica*, 1(XXXVIII), 111-126. <https://doi.org/10.14417/ap.1651>
- Gratz, K. L. (2003). Risk factors for and functions of deliberate self-harm: An empirical and conceptual review. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 10(2), 192-205. <https://doi.org/10.1093/clipsy.bpg022>
- Greenaway, K. H., Haslam, S. A., Cruwys, T., Branscombe, N., Ysseldyk, R., & Heldreth, C. (2015). From “we” to “me”: Group identification enhances perceived personal control with consequences for health and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 109(1), 53-74. <https://doi.org/10.1037/pspi0000019>
- Grotevant, H. D. (1987). Toward a process model of identity formation. *Journal of adolescent research*, 2(3), 203-222. <https://doi.org/10.1177/074355488723003>
- Hamza, C. A., Shannon, L., & Willoughby, T. (2012). Examining the link between non suicidal self-injury and suicidal behavior: A review of the literature and an integrated model. *Clinical Psychology Review*, 32(6), 482-495. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2012.05.003>
- Haslam, C., Jetten, J., Cruwys, T., Dingle, G. A., & Haslam, S. A. (2019). The social identity approach to health. Em C. Haslam, J. Jetten, T. Cruwys, G. A. Dingle, & S. A. Haslam, *The New Psychology of Health: Unlocking the Social Cure* (pp. 12-30). London and New York: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315648569-2>
- Haslam, S. A., Jetten, J., Postmes, T., & Haslam, C. (2009). Social Identity, Health and Well-Being: An Emerging Agenda for Applied Psychology. *APPLIED PSYCHOLOGY: AN INTERNATIONAL REVIEW*, 58(1), 1-23. <https://doi.org/10.1111/j.1464-0597.2008.00379.x>

- Hawton, K., Harriss, L., Hall, S., Simkin, S., Bale, E., & Bond, A. (2003). Deliberate self-harm in Oxford, 1990-2000: a time of change in patient characteristics. *Psychological Medicine*, 33(6), 987-995. <https://doi.org/10.1017/s0033291703007943>
- Hopkins, J. R. (2014). *Adolescence: The transitional years*. Academic press.
- Hsu, Y., Chen, P., & Lung, F. (2013). Parental bonding and personality characteristics of first episode intention to suicide or deliberate self-harm without a history of mental disorders. *BMC Public Health*, 13(1), 1-8. <https://doi.org/10.1186/1471-2458-13-421>
- Joiner, T. E. (2005). *Why people die by suicide*. Harvard University Press.
- Klemra, E., Brooks, F. M., Chester, K. L., Magnusson, J., & Spencer, N. (2017). Self-harm in adolescence: protective health assets in the family, school and community. *International journal of public health*, 62(6), 631-638. <https://doi.org/10.1007/s00038-016-0900-2>
- Klonsky, E. D. (2007). The functions of deliberate self-injury: A review of the evidence. *Clinical psychology review*, 27(2), 226-239. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2006.08.002>
- Klonsky, E. D., & Glenn, C. R. (2009). Assessing the functions of non-suicidal self-injury: Psychometric properties of the Inventory of Statements About Self-injury (ISAS). *Journal of psychopathology and behavioral assessment*, 31, 215-219. <https://doi.org/10.1007/s10862-008-9107-z>
- Kostić, J., Žikić, O., Stanković, M., Nikolić, G., & Ignjatović, A. (2019). CHARACTERISTICS OF FAMILIES WITH ADOLESCENTS WHO HAVE ENGAGED IN NON-SUICIDAL SELF-INJURY. *Acta Medica Medianae*, 58(4), 42-48. doi:10.5633/amm.2019.0406
- Latina, D., Giannotta, F., & Rabaglietti, E. (2015). Do friends' co-rumination and communication with parents prevent depressed adolescents from self-harm? *Journal of Applied Developmental Psychology*, 41, 120-128. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2015.10.001>
- Linehan, M. M. (1993). *Cognitive-behavioral treatment of borderline personality disorder*. Guilford Publications.

- Lucena, N. L., Rossi, T. A., Azevedo, L. M., & Pereira, M. (2022). Self-injury prevalence in adolescents: A global systematic review and meta-analysis. *Children and Youth Services Review*, 106634. <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2022.106634>
- Luyckx, K., Gandhi, A., Bijttebier, P., & Claes, L. (2015). Non-suicidal self-injury in female adolescents and psychiatric patients: A replication and extension of the role of identity formation. *Personality and Individual Differences*, 77, 91-96. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.12.057>
- Luyckx, K., Goossens, L., & Soenens, B. (2006). A developmental contextual perspective on identity construction in emerging adulthood: change dynamics in commitment formation and commitment evaluation. *Developmental psychology*, 42(2), 366-380. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.42.2.366>
- Luyckx, K., Klimstra, T. A., Duriez, B., Van Petegem, S., & Beyers, W. (2013). Personal identity processes from adolescence through the late 20s: Age trends, functionality, and depressive symptoms. *Social Development*, 701-721. <https://doi.org/10.1111/sode.12027>
- Luyckx, K., Schwartz, S. J., Berzonsky, M. D., Soenens, B., Vansteenkiste, M., Smits, I., & Goossens, L. (2008). Capturing ruminative exploration: Extending the four-dimensional model of identity formation in late adolescence. *Journal of research in personality*, 42(1), 58-82. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2007.04.004>
- Luyckx, K., Schwartz, S. J., Goossens, L., Beyers, W., & Missotten, L. (2011). Processes of personal identity formation and evaluation. In S. J. Schwartz, K. Luyckx, & V. L. Vignoles, *Handbook of Identity Theory and Research: Structure and Processes* (pp. 77-98). New York: Springer. https://doi.org/10.1007/978-1-4419-7988-9_4
- Marcia, J. E. (1966). Development and validation of ego-identity status. *Journal of personality and social psychology*, 3(5), 551-558. <https://doi.org/10.1037/h0023281>
- Mastrotheodoros, S., & Motti-Stefanidi, F. (2017). Dimensions of Identity Development Scale (DIDS): A test of longitudinal measurement invariance in Greek adolescents. *European Journal of Developmental Psychology*, 14(5), 605-617. <https://doi.org/10.1080/17405629.2016.1241175>

- Matheis, S., & Adams, G. R. (2004). Family climate and identity style during late adolescence. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 4(1), 77-95. https://doi.org/10.1207/s1532706xid0401_5
- McNamara, N., Stevenson, C., Costa, S., Bowe, M., Wakefield, J., Kellezi, B., Wilson, I., Halder, M., & Mair, E. (2021). Community identification, social support, and loneliness: The benefits of social identification for personal well-being. *British Journal of Social Psychology*, 60(4), 1329-1402. <https://doi.org/10.1111/bjso.12456>
- Miller, K., Wakefield, J. R., & Sani, F. (2017). On the reciprocal effects between multiple group identifications and mental health: A longitudinal study of Scottish adolescents. *British Journal of Psychology*, 56(4), 357-371. <https://doi.org/10.1111/bjc.12143>
- Minuchin, S. (1974). *Families and Family Therapy*. Harvard University Press. <https://doi.org/10.4159/9780674041127>
- Oldershaw, A., Richards, C., Simic, M., & Schmidt, U. (2008). Parents' perspectives on adolescent self-harm: Qualitative study. *The British Journal of Psychiatry*, 193(2), 140-144. <https://doi.org/10.1192/bjp.bp.107.045930>
- Olson, D. (2011). FACES IV and the Circumplex Model: Validation Study. *Journal of marital and family therapy*, 37(1), 64-80. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2009.00175.x>
- Olson, D. H. (2000). Circumplex Model of Marital and Family Systems. *Journal of Family Therapy*, 22, 144-167. <https://doi.org/10.1111/1467-6427.00144>
- Olson, D. H., Waldvogel, L., & Schlieff, M. (2019). Circumplex Model of Marital and Family Systems: An Update. *Journal of Family Theory & Review*, 11(2), 199-211. <https://doi.org/10.1111/jftr.12331>
- Olson, D., & Barnes, H. (1996). *Family communication scale*. St. Paul: University of Minnesota.
- Palmer, E., Welsh, P., & Tiffin, P. A. (2016). Perceptions of family functioning in adolescents who self-harm. *Journal of Family Therapy*, 38(2), 257-273. <https://doi.org/10.1111/1467-6427.12069>

- Palmonari, A., Pombeni, M. L., & Kirchler, E. (1989). Peergroups and evolution of the self-system in adolescence. *European Journal of Psychology of Education, IV*(1), 3-15.
<https://doi.org/10.1007/bf03172757>
- Pereira, C. (2011). Risco suicidário em jovens: Avaliação e intervenção em crise. *PsiLogos, 9*(1), 11-23.
- Plener, P. L., Schumacher, T. S., Munz, L. M., & Groschwitz, R. C. (2015). The longitudinal course of non-suicidal self-injury and deliberate self-harm: a systematic review of the literature. *Borderline personality disorder and emotion dysregulation, 2*, 1-11.
<https://doi.org/10.1186/s40479-014-0024-3>
- Pombeni, M. L., Kirchler, E., & Palmonari, A. (1990). Identification with peers as a strategy to muddle through the troubles of the adolescent years. *Journal of Adolescence, 13*(4), 351-369. [https://doi.org/10.1016/0140-1971\(90\)90029-7](https://doi.org/10.1016/0140-1971(90)90029-7)
- Postmes, T., Haslam, S. A., & Jans, L. (2013). A single-item measure of social identification: Reliability, validity, and utility. *British Journal of Social Psychology, 52*(4), 597-617.
<https://doi.org/10.1111/bjso.12006>
- Poudel, A., Lamichhane, A., Magar, K. R., & Khanal, G. P. (2022). Non suicidal self injury and suicidal behavior among adolescents: co-occurrence and associated risk factors. *BMC psychiatry, 22*(1), 96. <https://doi.org/10.1186/s12888-022-03763-z>
- Prioste, A., Lugar, A., Paulino, P., Jongenelen, I., & Rosa, P. J. (2018). Escala das Dimensões do Desenvolvimento da Identidade: Estudos psicométricos iniciais. *Psicologia, 32*(2), 1-14. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v32i2.1244>
- Prioste, A., Tavares, P., & Magalhães, E. (2019). Tipologias do funcionamento familiar: Do desenvolvimento identitário à perturbação emocional na adolescência e adultez emergente. *Análise Psicológica, 2*(XXXVII), 173-192.
<https://doi.org/10.14417/ap.1534>
- Raemen, L., Luyckx, K., Palmeroni, N., Verschueren, M., Gandhi, A., Grobler, A., & Claes, L. (2021). Trauma and self-harming behaviors in high school students: The mediating role of identity formation. *Journal of Adolescence, 92*, 20-29.
<https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2021.08.004>

- Raphael, H., Clarke, G., & Kumar, S. (2006). Exploring parents' responses to their child's deliberate self-harm. *Health Education, 106*(1), 9-20.
<https://doi.org/10.1108/09654280610637166>
- Relvas, A. P. (1996). *Ciclo Vital da Família - Perspetiva Sistémica*. Afrontamento.
- Roelofs, J., Onckels, L., & Muris, P. (2013). Attachment quality and psychopathological symptoms in clinically referred adolescents: The mediating role of early maladaptive schema. *Journal of child and family studies, 22*, 377-385.
<https://doi.org/10.1007/s10826-012-9589-x>
- Sampaio, D. (2002). Intervenção familiar em adolescentes suicidas. *Psycologica, 31*, 85-92.
- Sani, F., Herrera, M., Wakefield, J. R., Boroch, O., & Gulyas, C. (2012). Comparing social contact and group identification as predictors of mental health. *British Journal of Social Psychology, 51*(4), 781-790. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8309.2012.02101.x>
- Schachter, E. P. (2018). Intergenerational, unconscious, and embodied: Three underdeveloped aspects of Erikson's theory of identity. *Identity, 18*(4), 315-324.
<https://doi.org/10.1080/15283488.2018.1523731>
- Schwartz, S. J., Zamboanga, B. L., Wang, W., & Olthuis, J. V. (2009). Measuring identity from an Eriksonian perspective: Two sides of the same coin? *Journal of personality assessment, 91*(2), 143-154. <https://doi.org/10.1080/00223890802634266>
- Shipman, K. L., & Zeman, J. (2001). Socialization of children's emotion regulation in mother-child dyads: A developmental psychopathology perspective. *Development and psychopathology, 13*(2), 317-336. <https://doi.org/10.1017/s0954579401002073>
- Sim, L., Adrian, M., Zeman, J., Cassano, M., & Friedrich, W. N. (2009). Adolescent Deliberate Self-Harm: Linkages to Emotion Regulation and Family Emotional Climate. *JOURNAL OF RESEARCH ON ADOLESCENCE, 19*(1), 75-91.
<https://doi.org/10.1111/j.1532-7795.2009.00582.x>
- Siu, A. M. (2019). Self-Harm and Suicide Among Children and Adolescents in Hong Kong: A Review of Prevalence, Risk Factors, and Prevention Strategies. *Journal of Adolescent Health, 64*(6), S59-S64. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2018.10.004>

- Sutton, J. (2007). *Healing the Hurt Within: Understand self-injury and self-harm, and heal the emotional wounds* (3^a ed.).
- Suyemoto, K. L. (1998). The functions of self-mutilation. *Clinical psychology review*, 18(5), 531-554. [https://doi.org/10.1016/s0272-7358\(97\)00105-0](https://doi.org/10.1016/s0272-7358(97)00105-0)
- Swannell, S. V., Martin, G. E., Page, A., Hasking, P., & St John, N. J. (2014). Prevalence of nonsuicidal self-injury in nonclinical samples: Systematic review, meta-analysis and meta-regression. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 44(3), 273-303. <https://doi.org/10.1111/sltb.12070>
- Sznitman, G. A., Zimmermann, G., & Petegem, S. V. (2019). Further insight into adolescent personal identity statuses: Differences based on self-esteem, family climate, and family communication. *Journal of Adolescence*, 71, 99-109. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2019.01.003>
- Tanóri, K. G., Noriega, J. Á., & Borrego, D. F. (2021). Factores contextuales relacionados a las conductas de autolesión no suicidas: una revisión sistemática. *Psicología y Salud*, 31(1), 51-59. <https://doi.org/10.25009/pys.v31i1.2675>
- Tsang, A. K., Hui, E. K., & Law, B. C. (2012). Positive Identity as a Positive Youth Development Construct: A Conceptual Review. *The Scientific World Journal*, 1-8. <https://doi.org/10.1100/2012/529691>
- Tulloch, A. L., Blizzard, L., & Pinkus, Z. (1997). Adolescent-Parent Communication in Self-Harm. *Journal of Adolescent Health*, 21(4), 267-275. [https://doi.org/10.1016/s1054-139x\(97\)00118-3](https://doi.org/10.1016/s1054-139x(97)00118-3)
- Van Orden, K. A., Witte, T. K., Cukrowicz, K. C., Braithwaite, S. R., & Selby, E. A. (2010). The interpersonal theory of suicide. *Psychological review*, 117(2), 575-600. <https://doi.org/10.1037/a0018697>
- Victor, S. E., & Klonsky, E. D. (2014). Correlates of suicide attempts among self-injurers: A meta-analysis. *Clinical Psychology Review*, 34(4), 282-287. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2014.03.005>
- Vignoles, V. L., Schwartz, S. J., & Luyckx, K. (2011). Introduction: Toward an integrative view of identity. In S. J. Schwartz, K. Luyckx, & V. L. Vignoles, *Handbook of*

identity theory and research (pp. 1-27). New York: Springer New York.

https://doi.org/10.1007/978-1-4419-7988-9_1

Wang, J., Chen, Y., Tan, C., & Zhao, X. (2016). Family functioning, social support, and quality of life for patients with anxiety disorder. *International Journal of Social Psychiatry*, 62(1), 5-11. <https://doi.org/10.1177/0020764015584649>

Wester, K. L., & King, K. (2018). Family Communication Patterns and the Mediating Role of Communication Competence and Alexithymia in Relation to Nonsuicidal Self-Injury. *Journal of Mental Health Counseling*, 40(3), 226-239.

<https://doi.org/10.17744/mehc.40.3.04>

Wilkinson, P., Kelvin, R., Roberts, C., Dubicka, B., & Goodyer, I. (2011). Clinical and psychosocial predictors of suicide attempts and nonsuicidal self-injury in the Adolescent Depression Antidepressants and Psychotherapy Trial (ADAPT). *American journal of psychiatry*, 168(5), 495-501.

<https://doi.org/10.1176/appi.ajp.2010.10050718>

World Health Organization (2023). Obtido de "Adolescent health":

https://www.who.int/health-topics/adolescent-health#tab=tab_1

Yates, T. M., Tracy, A. J., & Luthar, S. S. (2008). Nonsuicidal self-injury among "privileged" youths: longitudinal and cross-sectional approaches to developmental process. *Journal of consulting and clinical psychology*, 76(1), 52-62.

<https://doi.org/10.1037/0022-006x.76.1.52>

Yen, S., Kuehn, K., Tezanos, K., Weinstock, L. M., Solomon, J., & Spirito, A. (2015). Percieved Family and Peer Invalidation as Predictors of Adolescent Suicidal Behaviors and Self-Mutilation. *Journal of Child and Adolescent Psychopharmacology*, 25(2), 124-130. <https://doi.org/10.1089/cap.2013.0132>

VI. ANEXOS

Anexo A – Consentimento Informado

Consentimento Informado

Este trabalho está a ser desenvolvido pelo ISPA – Instituto Universitário das Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, no âmbito da Unidade Curricular Seminário de Dissertação, pela aluna Petra Correia, sob a orientação da Professora Doutora Maria Gouveia Pereira. O objetivo deste estudo é estudar os comportamentos de risco na adolescência (dos 12 aos 18 anos) e da família nos comportamentos de risco que possam apresentar nestas idades.

Neste sentido, solicita-se a sua autorização para que o seu educando colabore neste estudo através da resposta a um ou mais questionário(s).

Toda a informação recolhida será confidencial e apenas acedida pelos investigadores do projeto. A participação do seu educando no estudo é anónima e voluntária, pelo que poderão desistir em qualquer momento do processo. Para mais esclarecimentos, poderão sempre contactar para o seguinte email: 26498@alunos.ispa.pt

Eu, _____, encarregado de educação do(a) aluno(a), _____ declaro que autorizo a participação do meu educando de forma voluntária no trabalho de investigação, que visa o preenchimento de um ou mais questionário(s), sabendo que é possível a desistência em qualquer parte do processo.

Declaro que autorizo a aluna do ISPA – Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Petra Correia, a utilizar os dados recolhidos, apenas para efeitos de investigação científica, desde que respeitando a confidencialidade dos mesmos.

Declaro que compreendi todas as condições relativas à participação do meu educando neste trabalho de investigação.

Assinatura (Aluna Petra Correia): _____

Assinatura (Encarregado de Educação): _____

Assinatura (Aluno): _____